

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Alessandra Falcão Teixeira

**(RE) INVENÇÕES DE INDÍGENAS ESTUDANTES: INTEGRAÇÃO AO
PROCESSO EDUCACIONAL UNIVERSITÁRIO**

Porto Alegre

2022

Alessandra Falcão Teixeira

**(RE) INVENÇÕES DE INDÍGENAS ESTUDANTES: INTEGRAÇÃO AO
PROCESSO EDUCACIONAL UNIVERSITÁRIO**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Educação em Ciências

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida
Coorientadora: Prof^ª. Dra. Isabela Andrade de Lima Morais

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Teixeira, Alessandra Falcão
(RE) INVENÇÕES DE INDÍGENAS ESTUDANTES: INTEGRAÇÃO
AO PROCESSO EDUCACIONAL UNIVERSITÁRIO / Alessandra
Falcão Teixeira. -- 2022.
164 f.
Orientadora: Cecília de Fátima Castelo Branco
Rangel de Almeida.

Coorientadora: Isabela Andrade de Lima Moraes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Povos originários. 2. Ensino superior. 3.
Práticas cotidianas. 4. Integração. I. de Fátima
Castelo Branco Rangel de Almeida, Cecília, orient.
II. Andrade de Lima Moraes, Isabela, coorient. III.
Titulo.

Alessandra Falcão Teixeira

**(RE)INVENÇÕES DE INDÍGENAS ESTUDANTES: INTEGRAÇÃO AO
PROCESSO EDUCACIONAL UNIVERSITÁRIO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências.

Aprovada em: ____ de ____ de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida - Orientadora
Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco- CESVASF

Prof^a. Dra. Isabela Andrade de Lima Morais - Coorientadora
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Prof^a. Dra^a Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS

Dedico este trabalho aos povos originários.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais. À minha mãe, por me ensinar na mais tenra idade a importância da educação. Seu apoio é incondicional e me faz crer na existência de um porto seguro. Ao meu pai, por não medir esforços na garantia de uma educação de qualidade e por acreditar em mim sempre.

Agradeço ao meu esposo pelo apoio, carinho e compreensão nessa trajetória e ao meu filho, fonte de toda minha inspiração, pelo amor incondicional e apoio infinito.

Agradeço às amigas Renata Andrade e Simone Gomes por compartilharem suas experiências acadêmicas, sempre me incentivando e apoiando de forma carinhosa e despretensiosa a obter maiores conquistas.

Agradeço às minhas amigas/irmãs Márcia Aguiar, Ana Carla Vieira, Isabel Cândido e Cláudia Patrícia pelo carinho, incentivo, apoio e torcida em mais essa etapa de vida.

Agradeço a Diego Dourado e Renata Sá, companheiros de doutorado, por compartilharem conhecimentos e experiências na nossa trajetória de enriquecimento intelectual.

Agradeço à querida Professora Dr^a. Stella Vieira pela atenção, carinho, solicitude e apoio dedicados sempre.

Agradeço aos queridos colegas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial: à equipe da Procuradoria Jurídica pelo incentivo e apoio; à Professora Dr^a. Maria José de Sena; ao Professor Dr. Marcelo Brito Carneiro Leão, pela oportunidade e confiança que concedeu aos técnico-administrativos em educação da “Ruralinda”; e ao Professor Dr. Severino Mendes de Azevedo Júnior, pelo incentivo, apoio e confiança.

Agradeço de forma especial à minha Orientadora, Professora Dr^a. Cecilia de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida, e à minha Coorientadora, Professora Dr^a. Isabela Andrade de Lima Morais, pela paciência, atenção, presteza, disposição e incentivo.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

1 Coríntios 13:1,2

RESUMO

Esta tese tem como objetivo investigar como indígenas nordestinos dos cursos: Ciências Biológicas, Zootecnia, Licenciatura em Educação do Campo, Engenharia de Pesca, Pedagogia, Educação Física, Engenharia Agrônômica e Licenciatura em História fazem para se integrar ao processo educacional oferecido nas instituições de ensino superior. A pesquisa ocorreu na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, que é vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco e, de forma remota, devido ao contexto de pandemia da Covid-19, no Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco. Este estudo recorre a artigos acadêmicos, teses, dissertações e artigos de imprensa sobre estudantes indígenas de graduação. A base teórica da pesquisa consiste nas ideias de Michel de Certeau sobre as práticas cotidianas e nas de Paulo Freire sobre a integração humana, que permitiram compreender como indígenas, minoria discriminada, conseguem se integrar a um sistema educacional criado para satisfazer aos interesses das classes dominantes. Apresenta-se, também a perspectiva indígena de Ailton Krenak, Eliane Potiguara e Graça Graúna sobre a situação dos povos indígenas no Brasil. A metodologia aplicada teve natureza quanti-qualitativa e baseou-se em uma pesquisa exploratória que consistiu em um estudo bibliográfico e um estudo de caso por meio de entrevistas, observações e questionários. A interpretação dos dados tem uma perspectiva de análise temática. Dessa forma, partindo do princípio de que o/a indígena tem consciência do processo histórico pelo qual passa e da importância da cultura branca, no caso, o ensino superior, para lhe dá voz, principalmente politicamente, foi possível alcançarmos nossos objetivos e responder ao nosso problema de pesquisa entendendo que os indígenas, usando as “artes de fazer” se reinventam no campus à medida que se ajustam à realidade e a transformam.

Palavras-chave: educação superior; indígenas acadêmicos; práticas cotidianas.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate how Northeastern indigenous undergraduate students and former indigenous students of the courses: Biological Sciences, Animal Science, Degree in Field Education, Fishing Engineering, Pedagogy, Physical Education, Agronomic Engineering and Degree in History do to integrate with to the academic educational process. The research took place at the Unidade Acadêmica de Serra Talhada, which is linked to the Universidade Federal Rural de Pernambuco and, in a remote way, due to the Covid-19 pandemic context, in the Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco. The research resorts to academic articles, theses, dissertations, and press articles about indigenous first degree students. The theoretical basis for the research consists of M.de Certeau's views of everyday practices and Paulo Freire's ideas about human integration, which made it possible to understand how indigenous students, a discriminated minority, manage to integrate to an educational system created to satisfy the dominant classes interests. Also present the indigenous perspective of Ailton Krenak, Eliane Potiguara and Graça Graúna regarding the situation of native peoples in Brazil. The methodology applied had a quanti qualitative nature and was based on an exploratory research which consisted of a bibliographical study and a case study by means of interviews, observations and questionnaires. The data interpretation has a content analysis perspective. In this way, based on the principle that the indigenous person is aware of the historical process they undergo and the importance of white culture, in this case, higher education, to give them a voice, especially politically, it was possible for us to reach our goals and answer our research problem understanding that the indigenous people, using the "arts of doing" to reinvent themselves in the campus as they adjust to the reality and transform it.

Keywords: college education; indigenous academics; everyday practices.

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da População indígena brasileira.....	23
Figura 2 - Localização do município de Serra Talhada, no Estado de Pernambuco.....	39
Figura 3 - Prédio de salas de aula da UAST/UFRPE, Serra Talhada/PE.....	40
Figura 4 - Painel localizado na entrada do prédio das salas de aulas da UAST, no qual se verifica a figura de um indígena ao centro.....	41
Figura 5 - Campus CESVASF, Belém de São Francisco/PE.....	42
Figura 6 - Participantes da tese por identidade de gênero.....	43
Figura 7 - Etnias dos participantes do estudo.....	45
Figura 8 - Distribuição percentual do material analisado após o levantamento bibliográfico.....	47
Figura 9 - Ranking das instituições educacionais por publicações após o levantamento bibliográfico.....	48
Figura 10 - Distribuição de produção acadêmica por região na pesquisa bibliográfica.....	49
Figura 11 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha por um curso superior.....	54
Figura 12 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha pela graduação.....	55
Figura 13 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram como foi o ingresso na graduação.....	55
Figura 14 - Como os informantes indígenas universitários se apresentaram ao ingressar na universidade.....	56
Figura 15 - Como os informantes indígenas universitários reconhecem a alternativa para promoção de ações na universidade.....	56
Figura 16 - Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham nas atividades acadêmicas na universidade.....	57
Figura 17 - Quais as dificuldades os informantes indígenas universitários tinham no dia a dia na universidade.....	58
Figura 18 - Quais as práticas utilizadas pelos informantes indígenas universitários para se inserir ao cotidiano universitário.....	59
Figura 19 - Quais as áreas das Ciências Biológicas de maior interesse pelos informantes indígenas universitários.....	59

Figura 20 - Quais reflexões o curso de Ciências Biológicas levou para os/as informantes indígenas universitários quanto à conservação da natureza.....	60
Figura 21 - Quais reflexões o curso de Ciências Biológicas levou para os/as informantes indígenas universitários quanto à importância da sustentabilidade.....	60
Figura 22 - Conhecimentos sobre as Ciências Biológicas que fazem parte da construção diária de vida, obtido tanto por observações como por vivência pelos informantes indígenas universitários.....	61
Artigo 1 - As Artes de Fazer de Estudantes Indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: Um Estudo Exploratório	
Figura 1. Localização do município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco.....	91
Artigo 3 - Indígenas Nordestinos e o Modelo Educacional Universitário: Estudo de Caso	
Figura 1 Distribuição da população indígena brasileira.....	105
Figura 2. Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha por um curso superior.....	108
Figura 3. Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha pela graduação.....	109
Figura 4. Número que os informantes indígenas universitários que informaram como foi o ingresso na graduação.....	109
Figura 5. Como os informantes indígenas universitários se apresentaram ao ingressar na universidade.....	110
Figura 6. Como os informantes indígenas universitários reconhecem a alternativa para promoção de ações na universidade	110
Figura 7. Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham nas atividades acadêmicas na universidade	111
Figura 8. Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham no dia a dia na universidade.....	112
Figura 9. Quais as práticas utilizadas pelos informantes indígenas universitários para se inserir ao cotidiano universitário.....	112
Figura 10. Quais as áreas das Ciências Biológicas de maior interesse pelos informantes indígenas universitários.....	113
Figura 11. Quais as reflexões que o curso de Ciências Biológicas levou para os informantes indígenas universitários quanto à conservação da natureza.....	113

Figura 12. Quais as reflexões que o curso de Ciências Biológicas levou para s informantes indígenas universitários quanto a importância da sustentabilidade.....114

Figura 13. Conhecimentos sobre as Ciências Biológicas que fazem parte da construção diária de vida, obtido tanto por observações como por vivência pelos informantes indígenas universitários.....113

Artigo 4 - As Práticas Cotidianas e a Criticidade dos Povos Originários na Academia Como Forma de Integração

Figura 1. Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha por um curso superior.....133

Figura 2. Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha pela graduação133

Figura 3. Número que os informantes indígenas universitários que informaram como foi o ingresso na graduação.....134

Figura 4. Como os informantes indígenas universitários se apresentaram ao ingressar na universidade.....134

Figura 5. Como os informantes indígenas universitários reconhecem a alternativa para promoção de ações na universidade.....135

Figura 6. Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham nas atividades acadêmicas na universidade.....135

Figura 7. Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham no dia a dia na universidade.....136

Figura 8. Quais as práticas utilizadas pelos informantes indígenas universitários para se inserir ao cotidiano universitário.....137

LISTA DE TABELAS

Artigo 1 - A Graduação Indígena no Brasil a partir da Lei das Cotas: Estado do Conhecimento

Tabela 1 – Publicações selecionadas.....70

Artigo 2 - As Artes de Fazer de Estudantes Indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: Um Estudo Exploratório

Tabela 1 -Dados gerais dos participantes.....92

Artigo 3 - Indígenas Nordestinos e o Modelo Educacional Universitário: Estudo de Caso

Tabela 1. Informações gerais das etnias participantes da pesquisa.....106

Tabela 2. Perfil dos/as participantes da pesquisa.....107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre objetivos específicos e instrumentos de coleta de dados.....	33
Quadro 2 - Resumo das escolas indígenas em Pernambuco.....	44
Quadro 3 - Síntese das informações gerais das etnias dos/das participantes da pesquisa.....	46
Quadro 4 - Síntese dos artigos obtidos no levantamento bibliográfico.....	64
Artigo 3 - Indígenas Nordestinos e o Modelo Educacional Universitário: Estudo de Caso	
Quadro 1. Perspectivas.....	117
Quadro 2. Influência das Ciências Biológicas na relação com o meio ambiente.....	118
Quadro 3. Contribuições do curso de Ciências Biológicas sobre a Agroecologia.....	119
Quadro 4. Entendimento quanto ao saber científico e tradicional em sala de aula.....	119
Quadro 5. Pertencimento ao espaço da sala de aula.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CESVASF	Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco
CODAI	Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
MACKENZIE	Universidade Presbiteriana Mackenzie
NEPE	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade
PROGEST	Pró-Reitoria de Gestão Estudantil
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAST	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UNB	Universidade de Brasília

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

USP

Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Objetivos.....	25
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	27
2.1 O Cotidiano e as Artes de fazer de Michel de Certeau.....	27
2.2 Paulo Freire e a atividade de integração humana	30
3 PERCURSO METODOLÓGICO	32
3.1 Pesquisa exploratória.....	33
3.2 Pesquisa bibliográfica.....	33
3.3 Estudo de Caso	34
3.3.1 Etapa 1: Fase Exploratória.....	35
3.3.2 Etapa 2: Coleta dos Dados.....	37
3.4 Campo de Investigação.....	37
3.4.1 Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).....	37
3.4.2 Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF).....	40
3.4.3 Participantes da Pesquisa.....	41
3.5 Etnias envolvidas no estudo	42
4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	46
4.1 Pesquisa Bibliográfica	46
4.1.1 Análise dos Dados da Pesquisa Bibliográfica.....	48
4.2 Entrevistas	49
4.2.1 Análise das Entrevistas.....	50
4.3. Questionários aplicados na UAST.....	52
4.3.1 Análise dos Questionários aplicados na UAST.....	52
4.4 Análise dos Questionários aplicados on-line.....	53
4.4.1 1ª Pesquisa: Uma análise certeuniana do cotidiano dos estudantes indígenas de instituições de ensino superior.....	53
4.4.2 2ª Pesquisa: Uma Cosmovisão das Ciências Biológicas e o cotidiano na sala de aula.....	58
4.5 Análise dos Resultados das Questões Abertas	61
ARTIGO 1 - A GRADUAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL A PARTIR DA LEI DAS COTAS: ESTADO DO CONHECIMENTO	64

ARTIGO 2 - AS ARTES DE FAZER DE ESTUDANTES INDÍGENAS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS E BIOLÓGICAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO ...	85
ARTIGO 3 (SUBMETIDO) - INDÍGENAS NORDESTINOS E O MODELO EDUCACIONAL UNIVERSITÁRIO: ESTUDO DE CASO.....	96
ARTIGO 4 (ELABORADO) - AS PRÁTICAS COTIDIANAS E A CRITICIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS NA ACADEMIA COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO.....	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	137
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	143
APÊNDICE B – MODELO DE PESQUISA APLICADA EM CAMPO	144
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	146
APÊNDICE D – MODELO DA 1ª PESQUISA ON-LINE	147
APÊNDICE E – MODELO DA 2ª PESQUISA ON-LINE	150
APÊNDICE F – FOTOS	155
ANEXO A – PARECER DA COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO.....	159
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA UFRPE	160
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO CESVASF	162

APRESENTAÇÃO

Este trabalho representa o desejo de conhecer aspectos da universidade ainda não muito explorados, pois dizem respeito às práticas cotidianas de acadêmicos indígenas da região Nordeste do Brasil.

Minha relação com o cotidiano acadêmico é muito próxima, pois desde 2004 sou servidora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ao observar o movimento dos/das estudantes no campus, surgiu a curiosidade de conhecer se entre eles/as existiam indígenas e como seria a apropriação deles/as ao processo educacional ofertado na universidade, uma vez que são minoria social marginalizada e a universidade não foi idealizada para as minorias.

A partir dessa assertiva, relacionei a problemática à reinvenção do cotidiano na ótica de Michel de Certeau, a qual já havia estudado no meu mestrado. Também busquei em Paulo Freire e em sua dimensão social inspiração para este estudo. Outrossim, com relação ao olhar do pesquisador, sabe-se que a escrita, a pesquisa e o registro de informações acerca dos povos originários, até então, é majoritariamente realizada a partir do ponto de vista do “homem branco”. Para quebrar essa hegemonia, colecionamos neste trabalho as vozes dos indígenas Ailton Krenak, Graça Graúna e Eliane Potiguara por meio de entrevistas, discursos e da literatura. Assim, tornando mais fácil entender o porquê da necessidade da (re)invenção de indígenas para cursar o ensino superior.

Apesar da pandemia de Covid-19, o processo para realização desta tese foi muito gratificante. As pesquisas, as visitas de campo, a aplicação dos questionários, as entrevistas, as histórias que ouvi: tudo isso me proporcionou conhecer e apresentar ao/à leitor/a uma faceta do cotidiano de indígenas nas graduações.

A importância deste estudo está em contribuir com a temática dos povos originários de um modo geral, sobretudo com a do indígena nordestino na universidade, que já se mostrou precária. Além disso, pretendemos propor uma reflexão quanto à prevalência de valores medievais que ainda dominam os espaços acadêmicos, bem como mostrar ao leitor situações que os povos originários ainda têm que enfrentar devido à maneira como compreendem o mundo.

1 INTRODUÇÃO

Os povos originários cada vez mais ocupam os espaços acadêmicos não apenas para se profissionalizarem, mas também para se fortalecerem e se protegerem da sociedade não indígena. Para tanto, muitas vezes precisam se (re)inventar. No intuito de esclarecer ao leitor o porquê dessa necessidade, colecionamos alguns trechos de discursos, entrevistas e obras literárias de personalidades indígenas que mostram o que de fato aconteceu com a chegada dos invasores portugueses. Essas personalidades conseguiram certa projeção social e dão à causa indígena um novo enfoque. Assim, temos: Ailton Krenak¹, Eliane Potiguara² e Graça Graúna³.

A nosso ver, a principal causa da necessidade dessa (re)invenção foi a divisão da humanidade pelos europeus e a crença de que os povos de fora daquele continente eram atrasados, inferiores e incapazes de se auto-governarem. Nesse sentido, Krenak (2020, p. 11) aponta que

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2020, p. 11).

Já Graúna⁴ (2007, p. 31) nos mostra a visão do caráter conflituoso, colonizador e devastador que foi/é a empreitada portuguesa para os povos que aqui encontraram:

Um pernil de carneiro
retalhado em fatias
aos que foram chegando
cada vez mais estrangeiros.

No vai-e-vem de troncos
Quantas nações em prantos!
E os homens – daninhos
Seduzindo a taba.

Grávidos de malícia
Sedentos de guerra
Dançam a falsidade
Esterilizam a festa.

1 Ailton Krenak é uma liderança indígena reconhecida nacional e internacionalmente, escritor, ambientalista, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília. Eleito membro da Academia Mineira de Letras em 14 de junho de 2022.

2 Eliane Potiguara é considerada a primeira escritora indígena do Brasil. Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3 Graça Graúna é escritora indígena, tradutora e professora adjunta da Universidade de Pernambuco.

4 Poema Era Uma Vez, de Graça Graúna (2007).

De quinto a quinhentos
o ouro encantou-se.
Plastificaram o verde,
Pavimentaram o destino.

E foi acontecendo
E escurecendo,
Mas de manhã, bem cedinho
Além da Grande Água
Vi um curumim sonhando
Com Yvy-Marãey formosa.

Com relação à compreensão que os portugueses tiveram dos indígenas, Potiguara (1989, p. 23) nos apresenta citações encaminhadas a Portugal por Pero Vaz de Caminha:

“Tudo neles revelava um povo no estado de atrasadíssima civilização.”
“Eram falsos, infiéis, desconfiados e até bárbaros”.
“Sobre a língua desses índios, é a única em toda a costa brasileira, mas se observa a falta de três fonemas—**F-L-R** – demonstrando assim que os índios não tem **Fé**, **Lei**, nem **Rei** e desta maneira vivem sem justiça e de maneira desordenada.” (POTIGUARA, 1989, p. 23).

Todo este processo de negação da cultura dos povos originários e, em consequência, de valorização da cultura branca, resultou numa imagem negativa do/da indígena, colocando-os/as à margem da sociedade. A partir disso, é necessário travarem batalhas diárias para obter o resgate e o reconhecimento de seus direitos, valores, culturas e modos de vida. Nesse sentido, Krenak (2001, p. 72) afirma:

É preciso reconhecer que os sobreviventes das populações originárias daqui vão estar sempre na situação difícil de testemunhas de um processo de invasão, de ocupação de seus territórios. E isso vai durar ao menos enquanto nossas relações não forem orientadas para a convivência dentro de novos parâmetros, iluminada pelo reconhecimento e aceitação de nossas diferenças.

Entretanto, apesar das dificuldades oriundas do “ranço” perpetuado pelo colonialismo e suas falácias, os povos originários estão ocupando cada vez mais o espaço das universidades, seja nas graduações ou nas pós-graduações. Já existe registro do primeiro indígena reitor de uma instituição federal de ensino superior, o professor Jefferson Fernandes do Nascimento, reitor da Universidade Federal de Roraima (UFRR), cujo mandato terminou em 2020. Também já se tem a notícia de que Rute Moraes, residente na reserva indígena Taba dos Anacé, em Caucaia, Ceará, é a primeira indígena brasileira aprovada em dois mestrados na Espanha. Da mesma forma, e de acordo com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), Maria das Dores de Oliveira, da etnia Pankararu, foi a primeira indígena doutora do Brasil. Assim, Graúna reflete:

Olha só que interessante! Apesar das barreiras todas que nós indígenas enfrentamos para ter direito ao nosso lugar no mundo, o barco e o arco da história nos levam a um cenário incomum. Hoje, o indígena pode ser doutor, advogado, antropólogo, sociólogo e jornalista, entre outras profissões que se destacam na sociedade envolvente. Ora, se olharmos para a Constituição Federal de 1988, vamos encontrar algumas brechas para o indígena na sociedade brasileira. Mesmo assim, para um olhar sobre o exótico, o folclórico...⁵

Além das inseguranças que acompanham os universitários calouros, os/as indígenas acadêmicos/as sofrem também com o choque cultural, com o modelo de ensino oferecido e com a invisibilidade que os acompanha no sentido de não serem ouvidos. Para Cruz (2017, p. 93-94).

Os desafios que a estrutura universitária traz cotidianamente aos universitários indígenas são muitos e considero que o esforço de poder falar e ser ouvido sem condescendência parte da luta por se tornar visível. Ainda que a nossa presença nas universidades se configure como um grande avanço, ela está limitada pelo fato de não sermos ouvidos e, realmente, respeitados. Para romper a invisibilidade, é preciso que haja diálogo, e para que o diálogo seja eficaz, é preciso que haja reconhecimento. Como ser ouvido? Como ser levado a sério? São perguntas que estão comigo desde que iniciei meus estudos em antropologia e que são desafios mais amplos, fruto da penetração da imagética nacional no mundo indígena e das práticas de enunciação e validação de conhecimentos em vigor no universo acadêmico.

Ainda com relação à invisibilidade, Krenak (2021, p. 72) traz o seguinte desabafo:

Nós ainda temos esse vasto território que compartilhamos de uma maneira precária, porque os povos indígenas e outros povos e outros povos que têm modo próprio de existência são o tempo inteiro hostilizados, atacados e invisibilizados. Invisibilizados significa: “Ninguém fala nada deles, na verdade eles nem existem”, que é tão danoso quanto fazer uma agressão ao nosso território, botar fogo, invadir, sentar veneno nas cabeceiras dos rios. Esse modo de operar o sistema vasto da nossa sociedade aposta que segregar e excluir é uma boa ideia.

Destarte, o desencontro das culturas no ambiente universitário é mais um fator a ser superado pelos/as indígenas, pois não foi ensinada – e, portanto, não existe – outra cultura a não ser a do “branco” nesses ambientes. Para Krenak⁶ :

As universidades devem reconhecer que existe um notório saber em diferentes segmentos da nossa comunidade, da nossa sociedade, que não são apenas honoríficos, e trazer para dentro do conceito da pesquisa, do fazer conhecer, do fazer saber, para esses saberes não sejam só referências simbólicas ou folclóricas. E que a gente não insista em chamar de conhecimento popular aquilo que prolongue a vida, aquilo que crie maneiras de relacionamento sociáveis, que diminui a violência.

⁵ Entrevista concedida (LIMA, 2015).

⁶ Discurso de Ailton Krenak ao receber o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Juiz de Fora (AILTON, 2016).

Nesse sentido, Graúna⁷:

De Norte a Sul, de Leste a Oeste, tenho percorrido por Universidades brasileiras, onde tem lugar o incentivo a estudos e pesquisas acerca dos povos indígenas. Infelizmente, também ocorre no meio universitário, em geral, nos depararmos com pessoas que trazem uma visão estereotipada acerca do indígena. Até compreendo que isto ainda aconteça, pois o/a estudante, em geral, ainda carrega os “ensinamentos” de uma educação bancária. Entendo que essas pessoas não foram incentivadas a respeitar o ser indígena, a estudar e pesquisar acerca dos diferentes povos originários deste país. Infelizmente, os equívocos de Colombo ainda perduram; pois muitos ainda carregam a noção de que nós indígenas somos preguiçosos, dissimulados, ignorantes; tratam a nós indígenas como se fôssemos seres irracionais e invisíveis; querem falar por nós, escrever por nós. Infelizmente muitos desconhecem que ser indígena é também se apresentar – quando necessário – como protagonista de sua própria história. Ser indígena é ter consciência da autonomia do grupo a que pertence e de si mesmo.

Na tentativa de tornar a vivência indígena mais “acolhedora”, algumas instituições de ensino oferecem espaços de acolhimento (como o Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da Universidade de Brasília); outras elaboram programas de acompanhamento acadêmico (como o Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica de Estudantes Indígenas, desenvolvido pela Universidade Estadual do Paraná); e também há as que oferecem residências estudantis indígenas (como a Universidade Estadual de Feira de Santana). Essas ações contribuem para que o dia a dia desses/as estudantes torne-se mais “confortável”. Contudo, percebemos uma necessidade cada vez mais urgente de diálogos e de maior interação, inclusive entre docentes e discentes nas universidades.

Para Silva e Vergolino (2020, p. 33):

Já não bastasse todas essas dificuldades, ao iniciar sua vida acadêmica, o aluno se depara com preconceitos acompanhados muitas vezes, de perguntas cheias de repulsa. Os “alunos brancos” perguntam o porquê de os indígenas quererem estudar, por usarem roupas e muitos outros questionamentos. Outras formas de repúdio é a tentativa de diminuir os alunos por terem uma escolaridade como a sua, por não estudarem em escolas particulares ou até mesmo pelos fatores linguísticos, até porque, ainda existem aldeias que possuem suas línguas nativas e os indígenas ainda estão se adaptando à língua portuguesa. **Não podemos deixar de ressaltar que até os professores os colocam na condição de menos capazes** (Grifo nosso).

Acreditamos que, para conseguirem enfrentar as adversidades, os/as indígenas utilizam-se de ações de omissões circunstanciais que os fortalecem na medida em que se reinventam. Nesse ponto de vista, Certeau (2012, p. 74) apresenta, que:

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de

⁷ Entrevista concedida (LIMA, 2015).

representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor.

Além das questões que giram em torno dos/as indígenas, uma outra assola em particular os povos originários do Nordeste brasileiro: a ideia de que os/as indígenas ali existentes são “misturados” e “remanescentes”. Para compreender o motivo dessas alegações, faz-se essencial verificar fatores político-sociais vigentes à época da colonização, os quais fizeram com que a população autóctone nordestina passasse por um processo de etnogênese. Assim, a população originária da Região Nordeste foi obrigada, devido às subjugações que lhe foram impostas, a fugir do litoral e a abandonar os aldeamentos. Em consequência, foram se dissipando.

O silêncio derivado da extinção dos aldeamentos serviu como estratégia para a classe dominante, pois acabou por limitar os espaços ocupados até então pelos/as indígenas nordestinos. O poder instituído legalmente pela Lei de Terras de 1850 traduzia os “invisíveis” interesses dos latifundiários. Essa estratégia promoveu a crença no desaparecimento das populações indígenas nordestinas, entendendo-se que foram misturadas e incorporadas aos contingentes de moradores vizinhos, originando o caboclo ou no máximo um remanescente (SILVA, 2011). Assim, o/a indígena nordestino foi esquecido – ou talvez tenha se “deixado esquecer” no intuito de sobreviver.

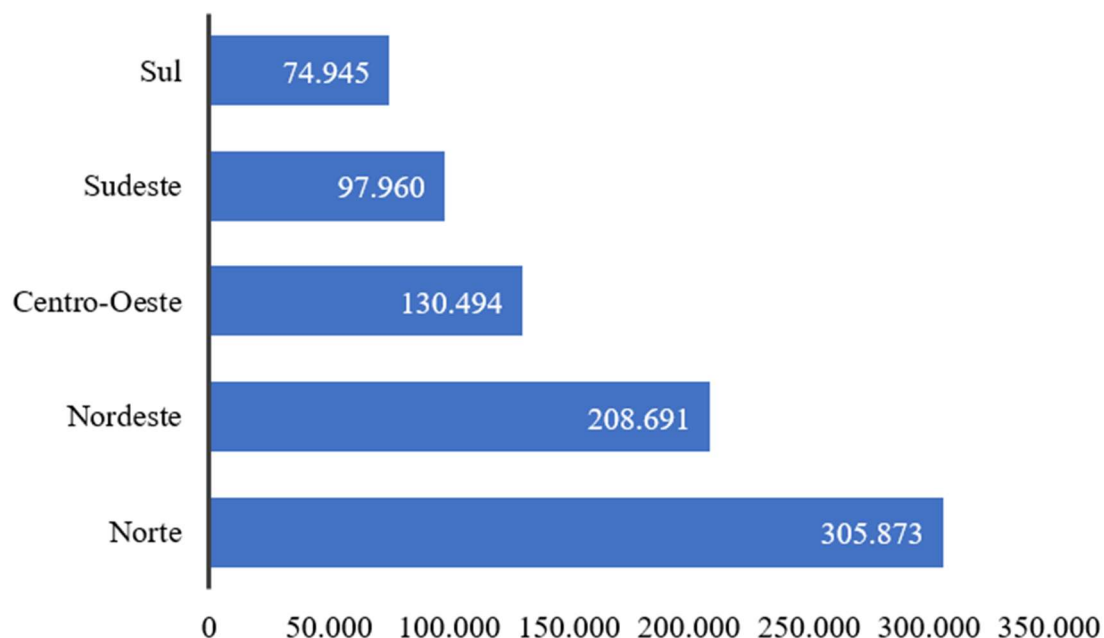
Para Oliveira (1998), a população de indígenas nordestinos recebeu a denominação de “índios misturados” em consequência de miscigenações que ocorreram da seguinte forma: a primeira mistura ocorreu com as Missões religiosas; a segunda surgiu com o estímulo de casamentos interétnicos e a fixação de colonos brancos dentro dos limites dos antigos aldeamentos; e a terceira ocorreu devido às mudanças trazidas pela Lei das Terras de 1850, que favoreceu a extinção dos aldeamentos e a incorporação dessas terras a novas vilas e cidades.

Calado e Melo (2007) apresentam que:

Para João Pacheco, um dos maiores especialistas sobre a questão indígena do País, a expressão “índios misturados”, utilizada muitas vezes por parte da sociedade brasileira, reflete preconceito e falta de conhecimento histórico. “Eles não se sentem misturados. É uma avaliação que é feita de forma preconceituosa para espolar a população da terra que tem direito e minimizar sua cultura. Porque se eles vivem trabalhando com cinco séculos de imersão e de relação com a sociedade brasileira, é claro que eles não podem ignorar o catolicismo, as culturas afro, o capitalismo, as práticas agrícolas. Querer isso é de uma ingenuidade sociológica absoluta.

Contudo, apesar do estigma que os/as indígenas nordestinos carregam, conforme dados do IBGE do Censo de 2010, no Nordeste encontra-se a segunda maior população indígena no Brasil, conforme figura 1.

Figura 1 - Distribuição da População indígena brasileira.



Fonte: IBGE (2013).

Nesse sentido, Potiguara (1989, p. 18) apresenta:

Apesar disso estão unidos na mesma convicção: continuam sendo índios e com um alto grau de solidariedade, fundamentada na ideia de sua origem, de uma natureza e um destino comum que os distingue como povo. Daí sua organização e o trabalho político e cultural que realizam no sentido de resgatar suas tradições, reafirmar sua própria identidade étnica e recuperar suas terras. É a luta dos Potiguara, dos Kururu, dos Fulni-ô, dos Pankakaru, dos Tupiniquim, dos Xoco e outros. Contra tudo isso, enfrentam empresas multinacionais interessadas nas suas terras e riquezas naturais, os fazendeiros e madeireiros locais e até mesmo os garimpeiros, além dos políticos tradicionais.

Antes da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, os/as indígenas eram considerados/as “silvícolas” e relativamente incapazes, fato esse que os/as deixavam sujeitos/as ao regime tutelar da União por meio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Com o advento da Constituição Cidadã, os povos originários passaram a ter reconhecidos sua “organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

Igualmente, a capacidade processual também foi declarada pelo novo ordenamento jurídico, podendo os povos originários, suas comunidades e organizações ingressarem em juízo em defesa de seus direitos e interesses, com a ressalva de que o Ministério Público intervenha em todos os atos processuais (BRASIL, 1988).

Como reflexo das novas medidas constitucionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, apresentou um modelo educacional diferenciado para os povos originários (BRASIL, 1996). No âmbito do acesso acadêmico à graduação, os povos originários tiveram reconhecida sua condição de minoria para acessar as universidades federais por meio da Lei nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012). Porém, ingressar e inserir-se no modelo acadêmico imposto não é tarefa fácil para uma população com histórico de perseguição, violência e preconceito e que vive à margem da sociedade.

Sendo assim, o que se almeja com este estudo é investigar como ocorre no cotidiano a inserção dos/das indígenas num espaço instituído para atender os interesses da elite dominante. Sabe-se, ainda, que nem todos os indígenas que ingressam nas universidades conseguem concluir seus estudos. Assim, esta pesquisa é voltada aos indígenas discentes e egressos. Além disso, crê-se que o que ocorre com essa parcela não é mera adaptação ao processo universitário educacional ofertado e, nesse sentido, compreendemos que se trata de uma integração resultante da capacidade dos/das indígenas de se ajustarem “à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade” (FREIRE, 2011, p. 58).

Nosso problema de pesquisa é: como indígenas estudantes conseguem se inserir num processo educacional universitário criado para atender os desejos da classe dominante?

Para tanto, esta pesquisa foi baseada na ótica do cotidiano pensada por Michel de Certeau e no entendimento de Paulo Freire quanto à atividade de integração humana.

Dessa forma, tendo em vista o atual contexto social vivenciado pelos povos originários, nossa hipótese envolve as “Artes de Fazer” apresentadas por Michel de Certeau: na medida em que são utilizadas estimulam uma crítica consciente da situação que vivenciam no campus e, assim, os/as discentes se ajustam à realidade ao mesmo tempo em que a transformam.

Nossa tese é que ao se reinventarem os/as acadêmicos/as se fortalecem, conseguem se integrar e fazer parte de um espaço elaborado para não atender às minorias sociais.

1.1 OBJETIVOS

O **objetivo geral** deste trabalho consiste em conhecer como os/as indígenas estudantes acadêmicos e egressos integram-se e integraram-se ao processo educacional oferecido.

Para tanto, foram elaborados os **objetivos específicos** a seguir:

- a) Conhecer práticas adotadas pelos estudantes no dia-a-dia do campus;
- b) Verificar se a cultura materna influencia nas práticas adotadas no campus;
- c) Identificar “Artes de Fazer”, “táticas” ou “estratégias” na ótica certeuniana utilizadas pelo grupo para se integrar ao modelo educacional universitário.

O motivo de termos escolhido essa discussão foi o desejo de colaborar com a construção de uma universidade mais próxima da realidade desse grupo, apresentando outra maneira de perceber os/as estudantes e suas dificuldades. Além disso, queremos contribuir para a construção de conhecimentos referentes à presença dos/as indígenas no ensino superior, uma vez que se verifica uma negligência no cadastro dessas informações.

Além da presente introdução, fazem parte desta tese outras cinco seções referentes ao percurso metodológico; aporte teórico da pesquisa; resultados e análise dos dados, na qual também apresentamos quatro (4) artigos (2 publicados e 2 para submissão) e, por fim, as considerações finais da tese.

O primeiro artigo diz respeito a um Estado de Conhecimento: foi realizada uma busca em bancos de dados eletrônicos nacionais no intuito de conhecer o que a academia pesquisou e publicou em termos de artigos, dissertações e teses entre os anos de 2013 a 2020 sobre estudantes indígenas na graduação.

O segundo artigo refere-se a uma pesquisa de cunho exploratório com indígenas universitários desenvolvida na Unidade Acadêmica de Serra Talhada/PE vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O terceiro trata de nossa pesquisa final, que teve que ser realizada remotamente por conta da pandemia de covid-19 e diz respeito a um estudo de caso acerca da experiência de estudantes indígenas na Universidade Federal Rural de Pernambuco e no Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco e o quarto artigo trata dos resultados da pesquisa. Por fim, temos as considerações finais, as referências bibliográficas da tese e os apêndices.

Desde logo, esclarecemos que não tivemos a pretensão de exaurir o assunto, mas de oferecer ao leitor novas discussões a respeito do tema. Outrossim, nosso trabalho não diz respeito à construção de um “manual de boas práticas” no enfrentamento de dificuldades por esses povos no ensino superior. Temos também a consciência que os/as estudantes podem reagir das mais variadas maneiras, inclusive desistindo da graduação. Contudo, queremos apresentar sob um novo ponto de vista as dificuldades e os enfrentamentos desses povos no ambiente acadêmico.

Registramos que o desenvolvimento do nosso estudo iniciou antes da pandemia da covid-19, todavia a conclusão foi durante a pandemia, fato este que dificultou nossos trabalhos e nos fez alterar o projeto de pesquisa inicial.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

A ideia central deste estudo está relacionada às práticas cotidianas de indígenas na universidade e à inclusão dessas pessoas ao processo acadêmico. Para tanto, utilizamos um aporte teórico baseado nas reflexões de Michel Jean Emmanuel de la Barge de Certeau - ou Michel de Certeau, como é mais conhecido - e suas ideias acerca do cotidiano e no significado da atividade de integração humana defendida por Paulo Freire. A escolha desses autores foi baseada, também, pela aptidão que tinham em ouvir e respeitar o outro.

2.1 O COTIDIANO E AS ARTES DE FAZER DE MICHEL DE CERTEAU

Michael Jean Emmanuel de la Barge de Certeau era um estudioso das mais variadas áreas. Era filósofo, antropólogo, jesuíta e historiador, tendo ainda pertencido à Escola Freudiana de Jacques Lacan desde sua fundação, em 1964, até sua dissolução, em 1980 (CERTEAU, 2012).

O ano de 1968 foi marcado por movimentos sociais vivenciados em países de diferentes continentes. Na Europa, a França experimentou uma série de greves e protestos estudantis. A esse respeito, Michel de Certeau “procurou não propor soluções, nem apresentar um diagnóstico definitivo que encerrasse o futuro, mas sobretudo compreender o que estava acontecendo” (CERTEAU, 2012, p. 11). Para ele, tal compreensão passava pelo cotidiano e seus sujeitos praticantes: “é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários pela importância das práticas cotidianas dos consumidores” (CERTEAU, 2012, p. 13).

Em Ferraço, Soares e Alves (2017) encontramos uma breve biografia de Michel de Certeau, que nasceu em maio de 1925, em Chambéry, na Savoia francesa. Antes de doutorar-se em Ciências da Religião pela Sorbonne, em 1960, bacharelou-se em Latim, Grego, Alemão e Filosofia e licenciou-se em Letras Clássicas e Filosofia. Além disso, Certeau foi jesuíta (1950) e atuou como professor convidado no Institut Catholique de Paris, no Centre d'Études et Recherches, na Université Paris. Ainda, foi professor titular da Universidade de San Diego, na Califórnia. Seu falecimento ocorreu em 1986 devido a problemas de saúde.

Josgrilberg (2008) apresenta uma das características mais marcantes de Certeau, que é a disponibilidade de ouvir o outro. Para Borges et al. (2016), Certeau possuía uma

disponibilidade de escuta do cotidiano, que estava intrinsecamente relacionada à escuta do outro e à disponibilidade de enxergar muito mais do que a rotina nos mostra.

Segundo Ferraço, Soares e Alves (2017, p. 10), o outro para Certeau tinha diferentes configurações:

O Outro é o que tem outros valores, crenças, hábitos e saberes. É aquele ou aquilo que emerge com as crises do crível e engendra credibilidades nascentes, que não se possui nem se controla. O Outro é o que escapa. É o imprevisível, o inesperado, o excluído, o imigrante, o marginalizado, o estrangeiro, o que nos antecedeu e, ainda, o que virá depois de nós. É mistério e surpresa. É a alteridade radical, a diferença para a qual nós precisamos nos abrir para inventar o novo.

O estudioso em apreço nos apresenta um indivíduo criativo que, movido de uma perfeita liberdade e de acordo com a sua condição e contexto, escolhe seus próprios meios para vivenciar situações no mais das vezes adversárias. Nessa perspectiva, na suposta invisibilidade cotidiana existe uma teia de práticas:

Pode-se supor que essas operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos de usar, e, portanto, desprovidas de ideologia ou de instituições próprias, obedecem a regras. Noutras palavras, deve haver uma lógica dessas práticas. Isto significa voltar ao problema, já antigo, do que é uma arte ou “maneira de fazer”. Dos gregos a Durkheim, passando por Kant, uma longa tradição tentou precisar as formalidades complexas (e não de todo simples ou “pobres”) que podem dar conta dessas operações. Por esse prisma, a “cultura popular” se apresenta diferentemente, assim como toda uma literatura chamada popular: ela se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio “popular”, uma maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (CERTEAU, 2012, p. 41).

Esses procedimentos aleatórios são formulados de acordo com a necessidade que emerge. Dessa forma, podem produzir práticas significantes, por exemplo, com o “ler, conversar, habitar, cozinhar...” (CERTEAU, 2012).

Para Duran (2007, p. 118), Certeau tinha uma capacidade de acreditar na inteligência e na criatividade do mais fraco, que o consistia em,

Ver diferenças e de perceber as micro resistências que fundam micro liberdades e deslocam fronteiras de dominação; a inversão de perspectiva, que fundamenta a sua *Invenção do cotidiano*, desloca a atenção “do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos, para a criação anônima, nascida da prática, do desvio no uso desses produtos”.

Assim, Certeau nos apresenta que da criatividade cotidiana surgem “as ‘maneiras de fazer’ que constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2012, p. 40-41).

Para melhor entendimento e classificação das práticas, Certeau (2012) utilizou as expressões estratégias (manipulação) e táticas (a arte do fraco).

O autor entendia o cotidiano como:

[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história irracional, ou desta 'não história', como o diz ainda A. Dupont. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 31).

Percebemos com Certeau que tais práticas podem sinalizar (e até mesmo contornar) imposições institucionais e políticas educacionais que, quando foram criadas, não levaram em consideração a diversidade das necessidades daqueles/as que as iriam utilizar. Trazendo esse prisma para nosso estudo, percebemos a relevância do cotidiano no que concerne ao respeito às várias identidades, movimentos e especificidades que se encontram no dia-a-dia de uma universidade. Nesse sentido, Ferraço, Gomes e Piontkovsky (2012) defende a importância de se pensar políticas educacionais como processos complexos e interdependentes, não as reduzindo às prescrições oficiais comumente caracterizadas pelas lógicas dos distanciamentos, as quais se mostram incapazes de abarcar as diversidades e as complexas relações que se desenvolvem nos cotidianos escolares.

Certeau (2012) via no uso das práticas a real amplitude dos efeitos dos discursos, pois o que lhe importava era saber qual sentido os usuários davam às representações e não apenas o que elas diziam.

Outro ponto de vista defendido pelo autor diz respeito ao lugar e ao espaço, pois entendia que o espaço existiria sempre que o lugar fosse praticado: "Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 2012, p. 184).

Nesse sentido, Josgrilberg (2008) apresenta que o ambiente educativo reflete as estratégias de poder, os símbolos e os sentimentos das pessoas que ali trabalham, sendo um lugar próprio.

Sabe-se que a realidade dos povos indígenas na universidade ainda é pouco discutida e que, apesar do acesso à educação superior ser hoje possível, a permanência não é fácil, bem como a abertura do espaço universitário às mudanças.

Para Alves e Oliveira (1998, p. 1),

Na tentativa de compreender concretamente essas múltiplas e diversas realidades que são nossas escolas reais, com seus alunos, alunas, professores e professoras e problemas reais, **precisamos buscar outras formas de pesquisar e organizar dados e conhecimentos sobre as realidades escolares, que possam nos ajudar a compreendê-las em suas complexidades e articulações para nelas buscar intervir de modo mais consoante com as especificidades locais e individuais.** Nessa busca, torna-se imperativo recorrer ao estudo das práticas cotidianas, procurando nelas, não as marcas da estrutura social que as iguala e padroniza, mas sobretudo, os traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, atores de suas vidas, irredutível à lógica estrutural, porque plural e diferenciada (Grifo nosso).

Assim, o “outro”, também entendido aqui como praticante, é o/a indígena estudante de graduação. O cotidiano que iremos utilizar como parâmetro é a experiência dessa população e o uso das práticas no espaço habitado na universidade.

2.2 PAULO FREIRE E A ATIVIDADE DE INTEGRAÇÃO HUMANA

Nascido no Nordeste do Brasil, Paulo Freire tornou-se figura respeitada para além de nossas fronteiras. É compreendido como uma pessoa singular pela maneira como entendia o processo de educar: como sendo um ato de amor. Além disso, destacou-se pelo respeito ao próximo (sobretudo ao oprimido) e por sua inteligência e humildade.

Freire (2011) nos ensina que o homem não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo, não sendo apenas um ser de contatos e sim de relações que ocorrem de forma plural na medida em que o sujeito responde à ampla variedade dos seus desafios. Compreende, ainda, que:

O homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando distorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo (FREIRE, 2011, p. 58).

Sensível à escuta e ao diálogo, Freire (2015) defendia que só quem ouve consegue falar, pois os que não ouvem apenas gritam.

Para Gadotti (2003, p. 27),

O diálogo preconizado por Paulo Freire é uma relação horizontal, oposta ao elitismo. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Na relação dialógico-educadora parte-se sempre da realidade do educando, dos conhecimentos e da experiência dele, para construir a partir daí o conhecimento novo, uma cultura vinculada aos seus interesses e não à cultura das elites.

Fleuri (2020, p. 252) afirma que Freire compreendia o mundo “como condição e efeito da interação entre sujeitos, que buscam entender e transformar seu contexto para promover a vida e a convivência em plenitude”. Outra qualidade marcante de Freire era o profundo respeito pela identidade cultural dos alunos e das alunas, que implicava em respeito à linguagem, à cor, ao gênero, à orientação sexual e à capacidade intelectual do outro (FREIRE, 2015).

Além disso, para Freire (2011), não há um sem os outros, e sim ambos em permanente integração, sendo esta resultado da aptidão humana de se ajustar à realidade transformando-a e criticando-a.

Miranda e Barroso (2004, p. 633) apresentam ideias-forças de Paulo Freire e dentre elas está a de que:

Através da integração do homem com o seu contexto, haverá a reflexão, o comprometimento, construção de si mesmo e o ser sujeito. Essa ideia pode ser dividida em duas outras afirmações: 3.1) o homem, precisamente porque é homem, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores. O homem tem capacidade de discernimento, relacionando-se com outros seres; 3.2) através dessas relações é que o homem chega a ser sujeito. A capacidade de discernir o leva a perceber a realidade por ser externa e a entende com desafiadora. A resposta que o homem atribui a esse desafio transforma a realidade, sendo original.

Assim, Freire (2011) nos mostra que as relações do homem (entendamos aqui a mulher também) com a realidade, por meio de seus atos de criação, recriação e decisão, resultam em dominação e humanização do seu mundo. Esse movimento permite a sua integração e não sua acomodação ou “coisificação”. Portanto, a atitude crítica é fundamental para sua integração.

Destarte, ao analisarmos a integração defendida por Freire, encontramos uma relação com as práticas cotidianas apresentadas por Certeau. Compreendemos que os seres humanos, enquanto sujeitos históricos e de relações, ao mesmo tempo em que podem não aceitar determinada imposição, podem ajustar-se à realidade vivenciada transformando-a por meio de ações ou omissões. Isto seria a capacidade do indivíduo de se ajustar à realidade acrescida da de transformá-la por meio das artes de fazer de Michel de Certeau.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Minayo (2013, p. 13) apresenta que “Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida”. Assim, para compreender como indígenas acadêmicos nordestinos, enquanto minoria social historicamente marginalizada, recebem o modelo de ensino universitário elaborado para atender aos interesses da elite dominante, recorremos à metodologia com seus métodos e técnicas e a ela somamos a nossa criatividade (MINAYO, 2013, p. 11).

Adotamos para este estudo uma pesquisa quanti-qualitativa, pois ao mesmo tempo em que precisávamos mensurar determinados dados, era necessário, também, conhecer aspectos subjetivos dos participantes em seus cenários naturais. Também acreditamos, conforme Minayo (2013, p. 20-21), “na relação fértil e frutuosa entre abordagens quantitativas e qualitativas que devem ser vistas em oposição complementar”.

Esta pesquisa também é social, pois na medida em que exploramos o cotidiano dos/das indígenas acadêmicos(as), procuramos novos conhecimentos acerca dessa vivência na universidade e aprendemos mais acerca da realidade social desses povos (GIL, 2008). a pesquisa social pode ser classificada em três grupos: estudos exploratórios, estudos descritivos e estudos que verificam hipóteses causais (SELLTRIZ et al., 1967 apud GIL, 2008).

Como instrumento de coleta de dados utilizamos questionários estruturados e semiestruturados, entrevistas, pesquisa bibliográfica e observações. Abaixo (Quadro 1) segue a síntese da relação entre os objetivos e os instrumentos e fontes de dados utilizados neste estudo.

Quadro 1 - Relação entre objetivos específicos e instrumentos de coleta de dados.

Objetivos específicos	Instrumentos
Conhecer práticas adotadas pelos estudantes no dia-a-dia do campus	Questionário, entrevistas e observação
Verificar se a cultura materna influencia nas práticas adotadas no campus	Questionário
Identificar “Artes de Fazer”, “táticas” ou “estratégias” na ótica certeuniana	Questionário, entrevistas e observação

Fonte: elaborado pela autora.

3.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA

Este estudo tem natureza exploratória pois, apesar de ser natural do Estado de Pernambuco, a pesquisadora não tinha conhecimento acerca das etnias indígenas que aqui existem e também não conhecia a realidade dos/das indígenas estudantes na universidade. A opção por uma pesquisa exploratória se deu para proporcionar mais familiaridade com o tema.

Segundo Gil,

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

Assim, na realização do propósito do estudo utilizamos uma pesquisa exploratória composta por duas etapas, sendo a primeira uma pesquisa bibliográfica e a segunda um estudo de caso.

3.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A primeira etapa da pesquisa exploratória consistiu numa pesquisa bibliográfica, pois além de ser necessário conhecer o que a Academia estava estudando e publicando acerca de indígenas estudantes na graduação, precisávamos identificar a originalidade do nosso trabalho.

Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Dessa forma, definimos o seguinte roteiro:

- a) descritores utilizados: “estudantes indígenas” e “universitários indígenas”;
- b) levantamento dos dados: foram utilizados como bancos de dados eletrônicos o Portal de Periódicos da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o Google Acadêmico;
- c) marco temporal: período compreendido entre os anos de 2013 a 2020, ou seja, após a publicação da Lei das Cotas. Em que pese a legislação em foco ser destinada a instituições federais de ensino superior, buscou-se o apontamento de material acadêmico, independentemente do tipo de instituição de ensino (pública ou privada);

- d) análise dos dados: foi realizada a partir dos resumos das publicações no intuito de obter uma visão geral acerca dos assuntos abordados pelos pesquisadores, das unidades da federação que mais desenvolvem pesquisas a esse respeito, dos tipos de instituições de ensino superior que mais produzem esses trabalhos e dos tipos de estudos mais desenvolvidos.

3.3 ESTUDO DE CASO

Após construir uma visão geral acerca das discussões sobre a temática em apreço passamos a executar a estratégia de pesquisa, que consistiu em um estudo de caso. Para tanto, buscamos conhecer as relações dos indígenas no espaço universitário com outros estudantes, suas dificuldades, queixas e escolhas. Foram utilizadas neste propósito as técnicas de pesquisa: entrevistas, questionários e observação assistemática.

Yin (2001, p. 25) define tecnicamente o estudo de caso como

uma investigação empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta de dados e a análise dos dados.

André (2013) apresenta que o sentido do estudo de caso qualitativo seria focar um fenômeno particular evidenciando o ambiente em que se reproduz e suas múltiplas dimensões, valorizando o aspecto unitário e ressaltando a obrigatoriedade de uma análise situada e em profundidade. Ainda, segundo André (2013, p. 98), “O estudo de caso começa com um plano muito aberto, que vai se delineando mais claramente na medida em que o estudo avança”.

Peres e Santos (2005) apud André (2013) apresentam três pressupostos básicos que devem ser observados ao executar um estudo de caso: atitude aberta e flexível por parte do pesquisador; variedade de fontes de dados e de métodos de coleta; e postura ética do pesquisador. Igualmente, utilizamos para o desenvolvimento do estudo as fases apresentadas por Nisbett e Watts (ANO) apud André (2013): Fase exploratória, fase de coleta dos dados e fase de análise sistemática dos dados.

Dessa forma, apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos do estudo de caso, o qual envolveu indígenas estudantes e egressos de duas instituições de ensino:

a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), na qual realizamos coletas de dados de forma presencial, e o Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco onde, devido à pandemia de Covid-19, os trabalhos tiveram que acontecer de forma remota por meio do *Google forms*.

3.3.1 Etapa 1: Fase Exploratória

Em julho de 2018, conhecemos as instalações físicas da UAST. Foi agendada com a equipe da Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão (COGEST) daquela Unidade uma visita para apresentação do projeto de pesquisa e solicitação de orientação para localizar os indígenas que ali estavam matriculados. Infelizmente, nesta ocasião não foi possível encontrar indígenas estudantes.

Após, na tentativa de me comunicar os indígenas, utilizei as redes sociais - mais precisamente o grupo público “Alunos da UAST” no Facebook. Porém, apesar de uma estudante ter se identificado como indígena na ocasião, não houve outros desdobramentos desse contato. Ainda por meio do Facebook, entrei em contato com um professor da UAST, em agosto de 2018, que informou ter dado aula a uma indígena do curso de Zootecnia. Todavia, também não houve nenhum desdobramento desse diálogo.

Localizei, ainda, um egresso indígena da UFRPE. Por meio de mensagem eletrônica, ele se prontificou a colaborar com a pesquisa num primeiro momento, porém, não seguiu respondendo as mensagens.

Nossa segunda ida ao campus da UAST ocorreu em abril de 2019, por ocasião da II Mostra de Cinema Indígena realizada naquela Unidade Acadêmica. Contudo, mais uma vez não conseguimos encontrar estudantes indígenas, pois apesar do evento dizer respeito aos povos indígenas, aconteceu no horário noturno - descobrimos que os/as indígenas estudantes têm dificuldade com transporte, o que poderia ter inviabilizado sua participação.

Antes de iniciarmos a coleta dos dados, solicitamos autorização para desenvolver nosso estudo nas instituições de ensino envolvidas, bem como submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3.3.2 Etapa 2: Coleta dos Dados

Como instrumentos de coleta dos dados utilizamos questionários estruturados e semiestruturados, entrevistas, pesquisa bibliográfica e observações. Esta pesquisa também é social, pois na medida em que exploramos o cotidiano dos/das indígenas e procuramos conhecer essa vivência na universidade, aprendemos mais acerca da realidade social desses povos (GIL, 2008).

Dessa forma, após nos apresentar à equipe da COGEST e definirmos como ocorreria a coleta dos dados, passamos a executá-la. Em julho de 2019 procedemos com nossa terceira ida à UAST e, desta vez, no período de avaliações. Ao chegarmos ao prédio de salas de aula, nos apresentamos e perguntamos aos estudantes que ali estavam se eles eram indígenas ou se conheciam algum estudante indígena. Surgiram então algumas situações: informaram que indígenas tinham estudado; ou que estudavam, mas no momento o colega não estava presente; e na última situação contei com ajuda para localizar o colega indígena. Assim, após apresentar e ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e após a assinatura dos estudantes, realizei as entrevistas.

Apesar de termos conseguido realizar estas entrevistas, ficou claro que não seria tarefa fácil a coleta dos dados e, por isso, resolvemos experimentar questionários. Em agosto de 2019, fui convidada a compor a Comissão Interdisciplinar para auxiliar na análise da comprovação de pertencimento étnico dos/das discentes indígenas e quilombolas da UFRPE. Nesta condição, em novembro de 2019, participei de uma reunião na UAST na qual estavam presentes 14 estudantes indígenas, expliquei a pesquisa e os/as convidei para participar. Assim, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), distribuí os questionários com perguntas abertas e fechadas, retirei-me da sala de reunião e aguardei que os 6 estudantes que aceitaram participar da pesquisa entregassem o material.

Esse foi o nosso pré-teste pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2017), após a redação do questionário é preciso testá-lo para poder utilizá-lo de forma definitiva, realizando sua aplicação em uma pequena amostra de participantes. Quando forem verificadas falhas neste instrumento, deve-se reformulá-lo. Enquanto aplicávamos os questionários, e mesmo na abordagem aos alunos na tentativa de localizar algum estudante indígena, observamos certa desconfiança por parte dos/das estudantes em relação ao meu interesse. Da mesma forma, quando solicitamos que alguns respondessem de forma *on-line* o questionário, percebemos dificuldades em informar o endereço

eletrônico para que pudéssemos enviar o *link* da pesquisa. Talvez o sentimento percebido seja fruto da história de vida que carregam ou, também, pela coincidência desta pesquisa com um período de trevas na política indigenista nacional.

Feito o pré-teste, verificamos que nem todas as perguntas estavam adequadas ao estudo, então, as refizemos. Nossa última ida *in loco* para o desenvolvimento da pesquisa ocorreu em novembro de 2019. Infelizmente, em março de 2020 o mundo foi assolado com a pandemia de Covid-19 e tivemos que repensar nosso projeto inicial, que passou a contar com uma pesquisa *on-line* por meio da ferramenta *Google Forms*.

3.3.3 Etapa 3: Análise dos Dados

Para Minayo (2013), a análise e a interpretação dos dados de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não possuem como finalidade contar opiniões ou pessoas, sendo seu foco principal a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar.

Para análise e interpretação dos dados, os organizamos em tabelas e gráficos e utilizamos a técnica de análise temática de dados na ótica de Bardin, que entende o tema como:

unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, ou psicodramas, as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são analisados tendo o tema por base (BARDIN, 2016, p. 135).

Nessa perspectiva, tomamos como unidade de registro as respostas que obtivemos nas questões abertas e nas entrevistas quando a ideia dominante ou principal foi suficiente para responder nosso problema de pesquisa (BARDIN, 2016).

3.4 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

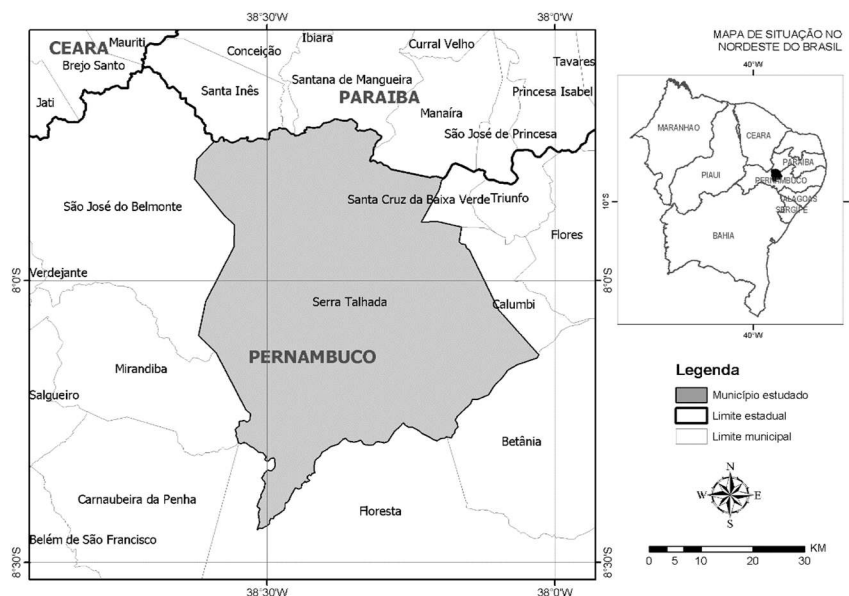
3.4.1 Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

A UFRPE é uma instituição centenária e de grande relevância para o Estado de Pernambuco. Iniciou suas atividades com os cursos de Medicina Veterinária e Agronomia

e, atualmente, oferece à sociedade 59 cursos de graduação e 58 de pós-graduação distribuídos entre a sede (localizada no campus de Dois Irmãos, em Recife) e as Unidades Acadêmicas. Além disso, a UFRPE oferta ensino médio e cursos técnicos no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (Codai), e também possui estações avançadas de pesquisa no Estado de Pernambuco. Esta Universidade tem o Sistema de Seleção Unificada (SISU) como único processo seletivo para o ingresso nos seus cursos de graduação. Ela adota os critérios da Lei das Cotas para os estudantes, reservando metade das vagas para os candidatos que estudaram todo o Ensino Médio em escolas públicas, com porcentagem para candidatos de baixa renda, autodeclarados pretos, pardos e indígenas e pessoas com deficiência.

Fruto de sua Participação no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que promoveu o processo de interiorização do ensino superior, a UFRPE foi contemplada com a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) no ano de 2006, localizada no Município de Serra Talhada (Figura 2), no Sertão do Pajeú de Pernambuco, a 473 km da capital pernambucana.

Figura 2 - Localização do município de Serra Talhada, no Estado de Pernambuco.



Fonte: elaborado pela autora.

A UAST possui, atualmente, cursos de graduação em: Bacharelado em Ciências Biológicas; Bacharelado em Ciências Econômicas; Bacharelado em Sistemas de Informação; Bacharelado em Agronomia; Bacharelado em Engenharia de Pesca; Licenciatura em Química; Licenciatura em Letras; Bacharelado em Administração; e

Bacharelado em Zootecnia. Quanto aos cursos de Pós-graduação, a referida Unidade Acadêmica oferece Pós-graduação em Produção Vegetal e Pós-graduação em Biodiversidade e Conservação.

A Unidade Acadêmica de Serra Talhada dispõe em suas instalações físicas de três prédios (um ainda em construção), possuindo cada um deles 15 salas de aula. Também estão previstos no projeto arquitetônico da Unidade: casa de estudantes, biblioteca, auditório, laboratórios de aulas práticas, laboratório de pesquisas e prédio de salas dos professores.

Além de favorecer o desenvolvimento da região como um todo, a UAST contribuiu com a diminuição de um tipo de “êxodo” muito comum no interior do Estado de Pernambuco, que dizia respeito à saída dos/das estudantes mais abastados/as de seus municípios de origem rumo a Recife ou outras capitais em busca de um ensino superior de qualidade.

Devido a sua localização geográfica, a UAST (Figura 3 e 4) favorece a procura de indígenas por seus cursos. Santana (2017) discorre que, dada a sua localização e apesar da UAST não possuir políticas de cotas específicas para povos indígenas, é comum encontrar em sala de aula estudantes das etnias Kambiwá, Pankará, Atikum e Truká.

Figura 3 - Prédio de salas de aula da UAST/UFRPE, Serra Talhada/PE.



Fonte: UFRPE/UAST⁸.

⁸ Disponível em: <https://petpe2019.wixsite.com/petpe2019/ufrpe-uast>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Figura 4 - Painel localizado na entrada do prédio das salas de aulas da UAST, no qual se verifica a figura de um indígena ao centro.



Fonte: a autora (2018).

3.4.2 Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF)

A Autarquia Belemita de Cultura, Desportos e Educação Centro de Educação de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF – (Figura 5) é uma instituição pública municipal de administração indireta do Município de Belém do São Francisco, que se localiza no Sertão do Itaparica em Pernambuco e dista 479,9 km da cidade do Recife.

Atualmente, o CESVASF oferece os seguintes cursos de graduação: Bacharelado em Administração; Bacharelado em Engenharia Agrônômica; Bacharelado em Educação Física; Bacharelado em Farmácia; Licenciatura em Física; Licenciatura em Letras; Licenciatura em História; Licenciatura em Matemática; Licenciatura em Ciências Biológicas; Licenciatura em Geografia; e Pedagogia. Esse Centro também possui um campus no município de Petrolândia que oferece cursos de Letras, Matemática, Administração e Educação Física. Os cursos de pós-graduação oferecidos são: Análises

Clínicas, Psicopedagogia Institucional e Clínica, Ensino de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Literatura, Gestão Ambiental, Educação Matemática e História do Brasil.

Figura 5 - Campus CESVASF, Belém de São Francisco/PE.



Fonte: CESVASF.

3.4.3 Participantes da Pesquisa

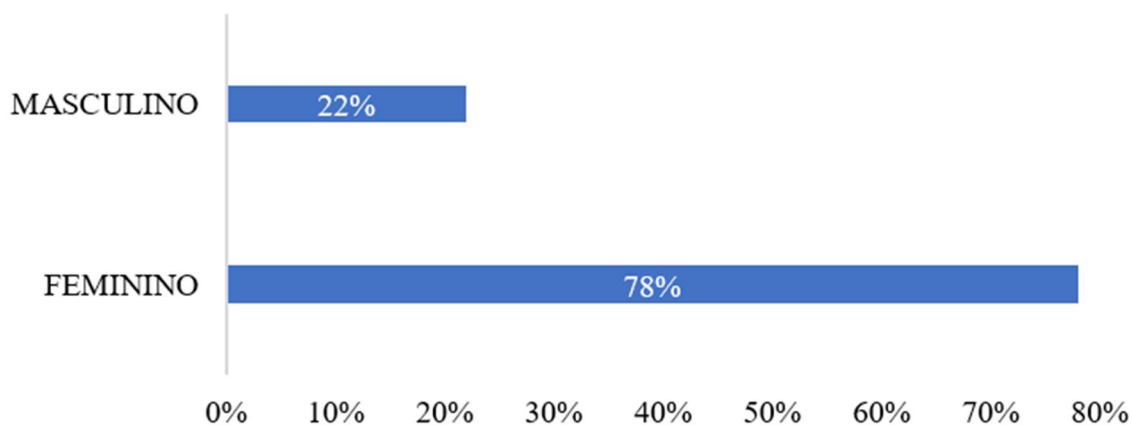
Num primeiro momento, os/as indígenas estudantes da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) seriam os únicos participantes do nosso estudo; entretanto, no decorrer dos trabalhos foram necessários alguns ajustes, haja vista as dificuldades em atingir participantes e a impossibilidade de continuar desenvolvendo nossa pesquisa *in loco* devido à pandemia de Covid – 19.

Dessa forma, realizamos também nossas pesquisas com os/as indígenas estudantes e egressos/as do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Estas instituições foram escolhidas por esta pesquisadora ser servidora da UFRPE e fazer parte da Comissão Interdisciplinar de análise da comprovação de pertencimento étnico dos/das indígenas discentes e quilombolas da UFRPE, bem como por ser a orientadora desta pesquisa docente do CESVASF, o que proporcionou familiaridade com as condições dos participantes. Ambos estabelecimentos de ensino se localizam no Sertão de Pernambuco e não possuem vestibular específico para indígenas.

Assim, nossa amostra foi composta por egressos e estudantes (cujos períodos acadêmicos variaram entre o 2º e o 10º) dos cursos de Ciências Biológicas, Zootecnia, Licenciatura em Educação do Campo, Engenharia de Pesca, Pedagogia, Educação Física,

Engenharia Agrônômica e Licenciatura em História. Ao todo foram 27 participantes, sendo 19 do sexo feminino e 8 do sexo masculino (Figura 6). A predominância de participantes que se identificam com o sexo feminino ocorreu de forma aleatória.

Figura 6 - Participantes da tese por identidade de gênero.



Fonte: elaborado pela autora (2021).

3.5 ETNIAS ENVOLVIDAS NO ESTUDO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa no Censo Demográfico realizado em 2010 que a população indígena brasileira é de 896,9 mil indígenas, representando 305 diferentes etnias, sendo que 502.783 vivem na zona rural e 315.180 nas zonas urbanas do país. O estudo também revelou a existência de 274 línguas indígenas (IBGE, 2013). A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), por sua vez, apresenta que os povos indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil, com maior concentração na região Norte - com 305.873 indivíduos, corresponde a aproximadamente 37,4% do total.

No que diz respeito à Região Nordeste, local de realização do estudo, esclarece a FUNAI que o Estado da Bahia responde por cerca de 25,5%, dos/das indígenas da região, que se fazem presentes tanto na área urbana quanto na área rural. Contudo, é na região Nordeste onde se encontra a maior concentração de indígenas em números absolutos: 106.150 indivíduos.

Este trabalho contempla indígenas dos estados da Bahia e de Pernambuco. Para situar o leitor quanto às etnias e condições de educação escolar desses povos nos respectivos estados, trouxemos algumas informações a respeito.

Correia (2021) apresenta que, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, existem atualmente cerca de mais de 37 mil indivíduos de 16 grupos étnicos: Atikum, Kaimbé, Kantaruré, Kariri-Xocó, Kiriri, Payayá, Pankararé, Pankarú, Pataxó Hãhãhãe, Pataxó, Truká, Tumbalalá, Tupinambá, Tuxá, Xacriabá e Xukuru-Kariri. Outrossim, informa que “funcionam no estado 103 espaços escolares, incluindo 27 escolas e anexos, sendo, ao todo 6.945 alunos indígenas matriculados, de 19 etnias, em 130 comunidades incluindo 24 municípios da Bahia” (CORREIA, 2021).

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE⁹), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), informa que há em Pernambuco indígenas das etnias: Atikum, Fulni-ô, Kambiwá, Kapinawá, Pankará, Pankararu, Pipipã, Truká, Tuxá e Xucuru. Para atender a necessidade educacional desses povos, o Governo do Estado de Pernambuco criou, com base na Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), a educação escolar indígena e passou a oferecer àquela população tanto a educação escolar infantil quanto a adulta (Quadro 2).

Quadro 2 - Resumo das escolas indígenas em Pernambuco.

ETNIAS	ESCOLAS	ALUNOS	EDUCAÇÃO OFERTADA	PROFESSORES
Atikum	8	298	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	39
Fulni-ô	3	1.359	Educação infantil, 1ª a 7ª série e Ensino de Jovens e Adultos (EJA). É a única ter escola bilíngüe	55
Kapinawá	7	785	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	23
Pankará	18	716	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	43
Pankararu	13	1.357	Educação infantil, ensinos fundamental I e II (1ª a 8ª série), ensino médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	64
Pipipã	4	216	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	14
Truká	11	640	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	38
Xucuru	36	2.247	Educação infantil, ensinos fundamental I e II (1ª a 8ª série), ensino médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	133

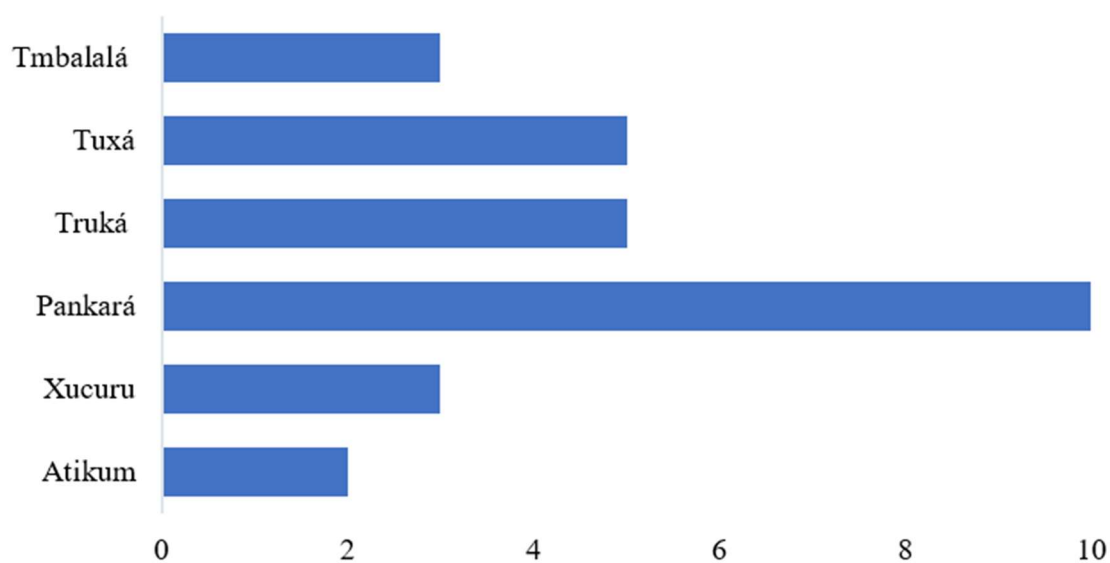
⁹ POVOS Indígenas de Pernambuco. Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Etnicidade, UFPE, [c2022]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Kambiawá	4	548	Educação infantil, ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e Ensino de Jovens e Adultos (EJA)	48
----------	---	-----	--	----

Fonte: Secretaria Estadual de Educação e Cultura de Pernambuco.

Os participantes deste estudo foram das etnias Atikum, Pankará, Truká, Tuxá e Xucuru, cujos territórios localizam-se no estado de Pernambuco, e Tumbalalá, que se encontra no estado da Bahia (Figura 7).

Figura 7 - Etnias dos participantes do estudo.



Fonte: elaborado pela autora.

Esses povos muitas vezes têm na agricultura uma fonte de renda. Prevalece o cultivo de espécies como: milho, mandioca, feijão de arranca, batata, fava, macaxeira, mamona, arroz, jerimum, cebola, alface, coentro, algodão, banana, manga, caju, mamão, pinha, goiaba, jaca, coco, laranja e limão. A produção de mel e a coleta de frutos silvestres como o umbu e o maracujá, entre outros, também se fazem presentes nessas comunidades, assim como a confecção de utensílios. O excedente do cultivo é levado para negociação nas feiras das cidades.

Além dos problemas ocasionados pela falta de recursos financeiros e hídricos e dos problemas decorrentes da ocupação e regularização de suas terras, uma outra questão que se faz presente é a localização de algumas terras indígenas nordestinas no chamado “Polígono da Maconha”, o que gera graves e violentos conflitos para essas comunidades.

A seguir, apresentamos um quadro (3) com uma síntese das principais características dos participantes de nosso estudo.

Quadro 3 - Síntese das informações gerais das etnias dos/das participantes da pesquisa.

ETNIA	LÍNGUA	TERRA INDÍGENA	COSTUMES
Atikum	Português	Serra do Umã/PE	Dançam o toré ¹⁰
Pankará	Português	Serra do Arapuá/PE	Dançam o toré
Truká	Português	Ilha da Assunção/PE	Cultuam os encantados ¹¹ ; dançam o toré; bebem a jurema ¹²
Tuxá	Português	Rodelas/BA e Inajá/PE	Dançam o Toré e o “Particular”
Xucuru	Português	Serra do Ororubá/PE	Dançam o toré; fazem rituais de pajelança; cultuam os encantados e divindades; os lajedos e pedras são importantes.
Tumbalalá	Português	Antiga área de missões indígenas e colonização portuguesa no estado da Bahia	Cultuam os encantados; bebem a jurema; dançam o toré.

Fonte: dados da pesquisa e Instituto Socioambiental.

¹⁰ O toré é uma das principais tradições dos índios do Nordeste brasileiro – a princípio uma dança ritual, foi incorporado atualmente ao movimento indígena da região como uma forma de expressão étnica e política. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=863&Itemid=1. Acesso em: 15 ago. 2022.

¹¹ Os Encantados são seres que trazem consigo o poder de cura. Disponível em: https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/xamanismo/seres-encantados/#Os_Encantados_para_as_culturas_indigenas. Acesso em: 15 ago. 2022.

¹² A bebida ou o vinho da jurema, feita com a casca do tronco dessa árvore, é bastante utilizada nos rituais religiosos do toré entre índios do Nordeste. Mesmo os grupos indígenas que não usam a bebida referem-se à jurema como uma planta dotada de forças mágicas ou cósmicas. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar../index.php?option=com_content&view=article&id=866%3Ajurema&catid=45%3Aletra-j&Itemid=1. Acesso em: 15 ago. 2022.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

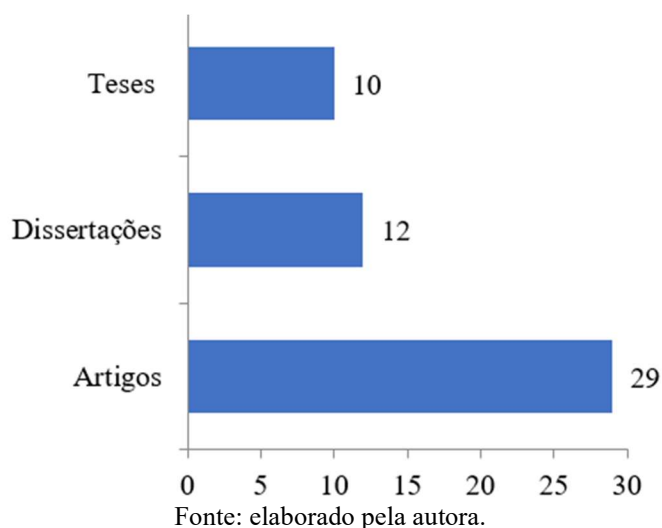
Apresentamos nesta seção os resultados da nossa coleta de dados, oriundos de pesquisa bibliográfica, observações, entrevistas e questionários aplicados de forma presencial e on-line, os quais se transformaram em 2 artigos publicados, 2 artigos a serem submetidos. Devido ao caráter qualitativo e quantitativo desta pesquisa, além da descrição das entrevistas e das respostas aos questionários abertos, expomos os dados em forma de gráficos para melhor compreensão.

Outrossim, tendo em vista as etapas da pesquisa e as formas de coleta de dados utilizadas, achamos conveniente analisar por partes os resultados obtidos.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica resultou em 29 artigos, 12 dissertações e 10 teses. Percentualmente, os artigos se sobressaem aos estudos e correspondem a 57% do acervo, as dissertações ficam em segundo lugar com 23% e as teses sinalizam 20% do material coletado (Figura 8).

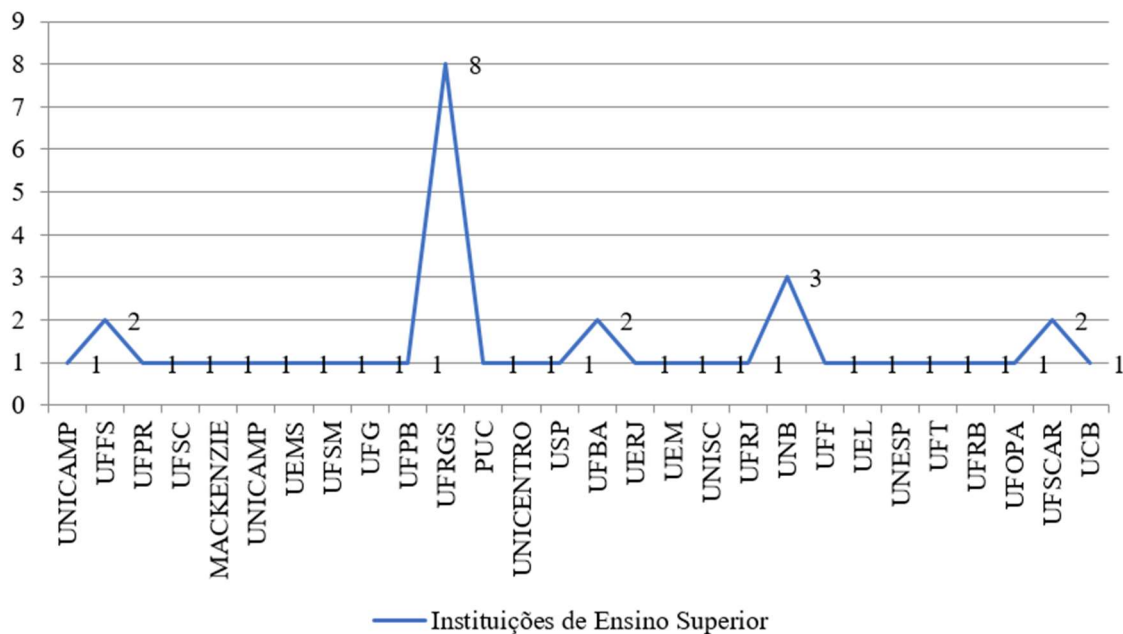
Figura 8 - Distribuição percentual do material analisado após o levantamento bibliográfico.



Com relação à quantidade de publicações por instituição, apresentamos na figura 9, abaixo, as que mais se destacaram, ficando em primeiro lugar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); em segundo a Universidade de Brasília (UNB); e em terceiro a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Federal de São Carlos e a Federal

Fluminense (UFF). As demais instituições seguiram empatadas com o quarto lugar. (Figura 9).

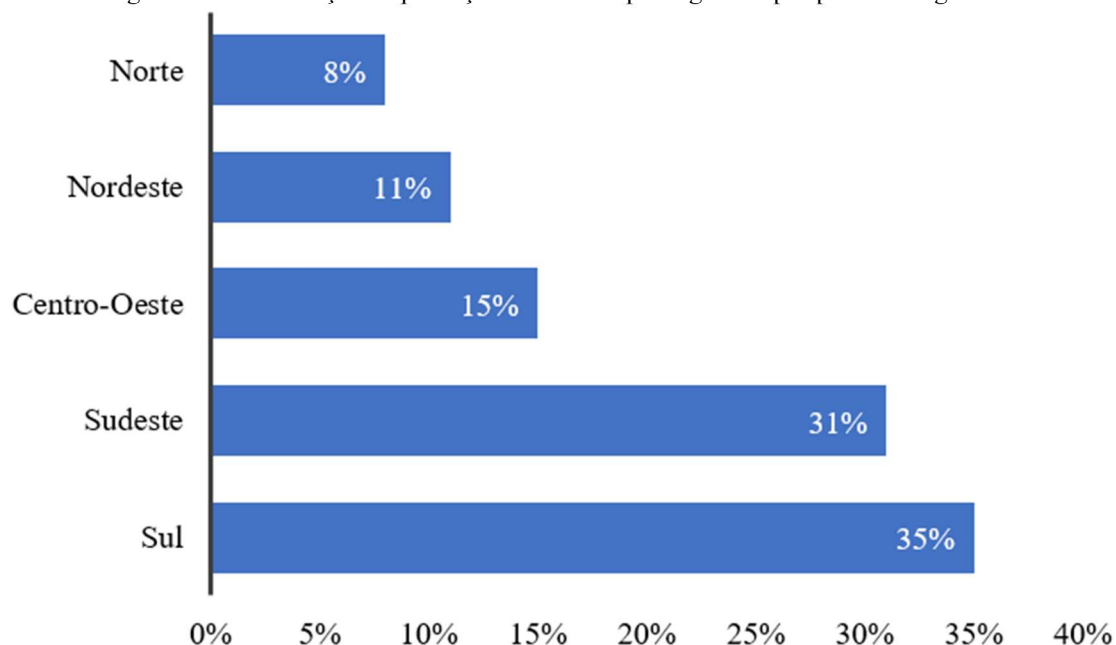
Figura 9 - Ranking das instituições educacionais por publicações após o levantamento bibliográfico.



Fonte: elaborado pela autora.

Das 31 instituições de ensino cujos trabalhos fizeram parte desta pesquisa, 4 eram privadas e 27 públicas. Em relação à distribuição das produções acadêmicas por região da federação, constatamos que as Regiões Sul e Sudeste são as que apresentam mais pesquisas (Figura 10).

Figura 10 - Distribuição de produção acadêmica por região na pesquisa bibliográfica.



Fonte: elaborado pela autora.

4.1.1 Análise dos Dados da Pesquisa Bibliográfica

As principais temáticas dos estudos inventariados são: políticas públicas; representação social e estatística da população indígena nas universidades; o preconceito no ambiente acadêmico; a relação entre estudantes indígenas e não indígenas; trajetórias desses/dessas estudantes na academia; desafios e conquistas por esse grupo no ensino superior; e duplo pertencimento.

Registramos que dois trabalhos chamaram atenção por refletirem, em nossa concepção, grandiosa relevância: a necessidade premente de auxílio ao estudante ingressante, bem como a demonstração da invisibilidade desse grupo étnico, que faz com que seus índices não tenham a devida importância para sociedade.

Identificamos que os Programas de Pós-Graduação envolvidos nesses estudos foram: em Letras; em Administração de Empresas; em Linguística Aplicada; em Psicologia Social; em Memória Social; em Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais; em Psicologia; em Antropologia Social; Profissional em Educação; em Estudos da Linguagem; em Educação; e em Sustentabilidade na Gestão Ambiental.

Observamos, também, que quatro artigos não estão vinculados a instituições de ensino. Foram publicados por revista argentina, do estado de Minas Gerais e do Distrito Federal.

Além disso, alguns estudos foram elaborados por instituição diversa à da realização da pesquisa. Por exemplo, a tese intitulada “Preconceito, identidade e representações sociais: relações intergrupais de estudantes indígenas e não indígenas no ambiente acadêmico” tem como objeto de estudo estudantes indígenas da Universidade Federal do Mato Grosso, contudo, o Programa de Pós-graduação a que o trabalho está vinculado é da Universidade Federal da Paraíba.

O resultado do estudo bibliográfico foi convertido no nosso primeiro artigo publicado, o qual tem como título: A Graduação Indígena no Brasil a partir da Lei das Cotas: Estado do Conhecimento.

4.2 ENTREVISTAS

Foram realizadas duas entrevistas com indígenas estudantes do curso de Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada. A seguir, são apresentados os trechos mais relevantes ao nosso estudo. Para denominar os participantes da pesquisa, utilizamos “EA” para Estudante A e “EB” para Estudante B.

Na entrevista, acerca dos obstáculos enfrentados, EA falou que, além da dificuldade financeira em se manter longe de casa, sentiu falta de uma maior deferência à população de estudantes indígenas por parte da comunidade acadêmica:

- Bom. No início da adaptação, acho que foi no período de abril que, dia 18 é..., dia 19 é o dia do Índio, é... teve uma coisa assim que, não vou dizer que fiquei meio triste, mas desanimado com minha, com meu ingresso, né? Que foi ver que as pessoas tratam as questões indígenas aqui na universidade de forma aleatória, sem compromisso, sem ... sem... como é que posso dizer..., sem uma ...sem uma..., sem um embasamento, entendeu? Sem um ... Falta alguma coisa. É como se faltasse alguma coisa. É... O pessoal que organiza, porque aqui tem um cinema indígena, o pessoal que organiza não. Realmente trabalham pra mostrar, pra mostrar a realidade indígena, de como tudo é feito, só que o pessoal que vai assistir ele tem um embasamento como se fosse um desleixe entendeu? Não tem uma, uma visão, uma visão antropológica que aquilo ali foi o começo de tudo né?... aquelas tribos ali foram o começo de tudo aqui, pra se propagar tudo no Brasil antes dos portugueses, eles não têm isso, eles não têm esse respeito, entendeu? É como se faltasse respeito no indígena. Isso foi uma das coisas que me causou uma dificuldade enorme, eu tive que parar pra pensar, poxa... eu tô num lugar que, que as questões indígenas da minha tribo, da minha determinada tribo, conversam isso, fazem isso, eu me senti ofendido com isso! (Pesquisa de campo, 2019-EA)

Para superar a situação, explicou EA que:

-Ah! Como eu fiz pra superar, é... a minha superação veio por meio de que: as pessoas, elas dependem de conhecimento, elas precisam de conhecimento e esse conhecimento é passado através desses determinados eventos que têm na universidade, que é a Semana do Cinema Indígena aqui na Universidade e eu

acho assim: que quando a pessoa vai lá e conhece, se expressar, conversar com uma pessoa indígena, ver os artesanatos, ver uma representação do Toré, isso te leva àquela consciência, a criar não. A começar a criar uma consciência, porém, porém na minha análise, essa consciência ela já deveria ter passado bem antes, bem antes do ingresso na universidade, bem antes do ingresso ao nível superior, ser passado no ingresso do Ensino Médio, é meio que o respeito étnico, se tu é, se você é preto, você tem o respeito, se você é quilombola, você tem o respeito, você é indígena, você tem o respeito e saber se respeitar. É ... foi a ... Essa foi a... a causa que eu consegui pra driblar essa dificuldade, eu disse: não, esse pessoal não tem o mesmo ponto de vista do meu, porém eles estão aqui conhecendo esse ponto de vista agora, entendeu?! (Pesquisa de campo, 2019-EA)

Um outro ponto levantado por EA foi quanto ao fenótipo que o/a indígena “tem que ter”, o que causava problemas com os demais estudantes:

- Ah... Teve. Teve um problema porque como eu falei do fenótipo, né? Por eu não ter o mesmo fenótipo que uma pessoa indígena, tá ligado, ah, se diz índio ter o cabelo..., é... o pessoal julga né? Julgam porque não conhece, isso no começo do meu período, assim no primeiro mês, no segundo mês, no terceiro mês esse pessoal mesmo que me julgava veio conversar comigo e tal aí eu fui explicar que existe genética, que existe várias coisas, que todos nós somos uma miscigenação e isso implica que, implica que é... meio que um desrespeito étnico por eu ser indígena e parecer e ter esse fenótipo é as pessoas têm um desrespeito étnico.

Já EB relatou, quanto às dificuldades vivenciadas, que:

Enfim, dificuldade tem durante o curso inteiro. Questão de didática de professor, de você não conseguir entender aquele professor, mas isso eu acho que é geral também, a turma toda acaba sentindo dificuldade. Na minha sala, também, tem outra menina que é Atikum Umã de Carnaubeira da Penha, então, querendo ou não, assim... quando a gente conversa sobre alguma coisa, acabo... eu sou muito próximo dela, então quando a gente conversa sobre alguma coisa cultural, **a gente faz e professores também dão abertura. Esse período eu fiz uma revisão bibliográfica acerca de beberagens e fermentados e a gente apresentou beberagens indígenas: o cauim, o caissuma, várias beberagens indígenas e assim querendo ou não você está dentro da sua vivência e você traz isso para universidade!** (Pesquisa de campo, 2019, grifo nosso).

4.2.1 Análise das Entrevistas

A partir da narrativa acima, verificamos que as situações expostas por EA, as quais abrangem a escassez dos recursos financeiros, a saudade da família e a falta de respeito pela história indígena, não acarretaram sua paralisia, percebendo-se nas práticas adotadas sua astúcia em permanecer otimista.

Nesse sentido, Giard (1994) apresenta que, para Certeau, “são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro,

de sorte que nenhuma situação lhe parece *a priori* fixa ou desesperadora” (GIARD, 1994, p. 17).

A fala da superação demonstra, além de seu otimismo, a percepção de que a ausência de conhecimento acerca das questões indígenas por parte de colegas não-indígenas, precede a chegada dessas pessoas à Universidade. A partir do momento em que sua cultura é demonstrada por meio de suas artes e das expressões culturais como o Toré, as pessoas passam a aproximar-se do conhecimento faltoso. Portanto, falar de sua cultura passa a ser uma tática que permite enfrentar sentimentos negativos. Além do mais, essa reflexão nos mostra uma atitude crítica dos indígenas que, para Freire (2011), é traduzida como vocação natural de se integrar e da superação do simples ajustamento ou acomodação. Freire (2011) apresenta, também, que o homem pode interferir sobre sua realidade para modificá-la, não devendo ser apenas um simples espectador.

Assim, o entrevistado adota como tática o exercício de sua indianidade para desmistificar o estereótipo de indígena comumente figurado. Para Certeau (2012), a tática aproveita os momentos e as expectativas oferecidas num dado período. É isto o que extraímos da fala acima, pois é possível ver que foi aguardado o momento certo de se pronunciar; *in casu*, o diálogo ocorreu no terceiro mês do período.

Com relação à fala de EB, verificamos que, para se fortalecer em determinadas situações, a pessoa associa-se a uma parenta e busca a identificação cultural para superar as dificuldades. Nesse aspecto, Silva e Schuchter (2019) demonstram a importância que deve ser dada às táticas e artimanhas presentes no cotidiano, pois revelam como os usuários organizam um novo espaço, criando e inventando os *espaçostempos* escolares e, ainda, problematizam: “Como professores e alunos lidam com as diferenças culturais nos cotidianos escolares? Que *praticasdiscursivas* e saberes religiosos são produzidos cotidianamente por professores e alunos?” (SILVA; SCHUCHTER, 2019, p. 64, grifo dos autores).

Silva e Schuchter (2019) defendem a ideia de um “entrelugar” onde estudantes e professores expressam suas ideias, seus significados, suas dúvidas, seus medos, seus anseios, suas crenças e suas culturas, o qual permitiria “o diálogo tão necessário entre as culturas” (SILVA; SCHUCHTER, 2019, p. 64).

Ferraço et al. (2018) discorrem que, levando em consideração os desafios culturais, Certeau defendia um ensino que não tivesse por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, para que se ajustasse à heterogeneidade de estudantes e professores.

Ainda com relação às práticas relatadas nas entrevistas, Freire (2011, p. 60) nos ensina que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas.

4.3. QUESTIONÁRIOS APLICADOS NA UAST

Para denominar os participantes da pesquisa, utilizamos a letra “E” para designar o estudante e o algarismo numérico da sua colocação na planilha de respostas.

Ao questionarmos quanto à escolha do curso, percebemos a influência do campo e da natureza por estarem presentes nas vidas dos/das indígenas:

Eu escolhi fazer um curso superior por seguir os passos da minha mãe que é pedagoga e trabalha atualmente em uma escola indígena da minha cidade, Pesqueira. **E escolhi essa graduação porque reflete muito do que eu vivi na minha infância em território indígena e em contato com o campo** (E1, grifo nosso).

Escolhi fazer para ter uma vida melhor financeiramente e ajudar meus pais. **O motivo foi pelo fato de ter crescido no meio rural e penso em crescer financeiramente nesse meio** (E2, grifo nosso).

Outro questionamento foi feito em relação a como era o cotidiano na universidade. Obtivemos como resposta que:

Meu cotidiano na faculdade hoje é bem melhor já me acostumei mais com a rotina e procuro sempre manter o foco e pensar em qual foi o motivo de eu ter ingressado na universidade e no que eu vou possibilitar aos meus pais no futuro (E1).

4.3.1 Análise dos Questionários aplicados na UAST

As declarações de E1 e E2 quanto à escolha do curso revelam a relação com a história de suas vidas, fato este que lhes favorece o estudo. Para Certeau (2012), a tática aproveita os momentos e as expectativas oferecidas num dado período e é o que extraímos das narrativas apresentadas acima pelos/as participantes.

Com relação à resposta de E1 acerca de como era o cotidiano na universidade, observa-se que por trás do esforço empregado encontra-se uma combinação de valores, raciocínios e atitudes que concorrem para compreender e enfrentar novas situações. Assim,

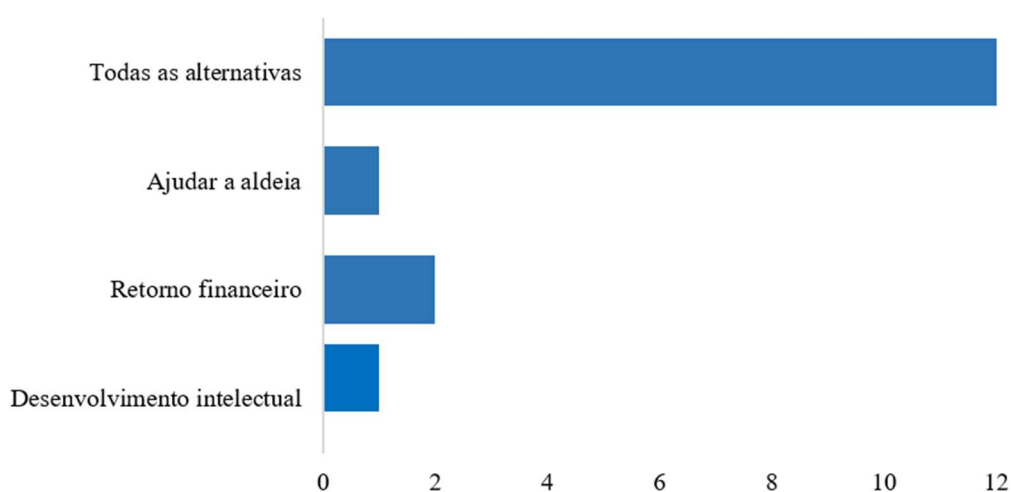
Cada vez mais coagido e sempre menos envolvido por esses amplos enquadramento, o indivíduo se destaca deles sem poder escapar-lhes, e só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles, "dar golpes", encontrar na megalópole eletrotécnica e informatizada a "arte" dos caçadores ou dos rurícolas antigo" (CERTEAU, 2012, p. 51).

4.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS ON-LINE

4.4.1 1ª Pesquisa: Uma análise certeuniana do cotidiano dos estudantes indígenas de instituições de ensino superior

O estudo mostrou que para 75% dos participantes a escolha por um curso superior foi motivada para ajudar a aldeia, pelo retorno financeiro e pelo desenvolvimento intelectual; 6,25% tiveram em mente apenas ajudar a aldeia; 6,25% pensaram somente no desenvolvimento intelectual enquanto 12,5% pensaram no retorno financeiro que teriam. (Figura 11).

Figura 11 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha por um curso superior.



Fonte: elaborado pela autora.

Já quanto à escolha do curso, 37,5% manifestaram como razão da escolha a vivência na área da graduação, a identificação com o curso e a importância do curso para vida na Aldeia. Outros 37,5% escolheram o curso devido apenas à importância para a Aldeia; 6,25% admitiram que escolheram o curso por terem vivência na graduação e 18,75% por se identificarem com o curso (Figura 12). A experiência na graduação foi considerada positiva por 100%. Com relação ao ingresso no curso, 87,5% dos participantes definiram como difícil e 12,5% como fácil (Figura 13). Apresentaram-se como indígenas, ao ingressarem na universidade, 56,25% dos participantes e 43,75% não se apresentaram (Figura 14).

Figura 12 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram o motivo da escolha pela graduação.

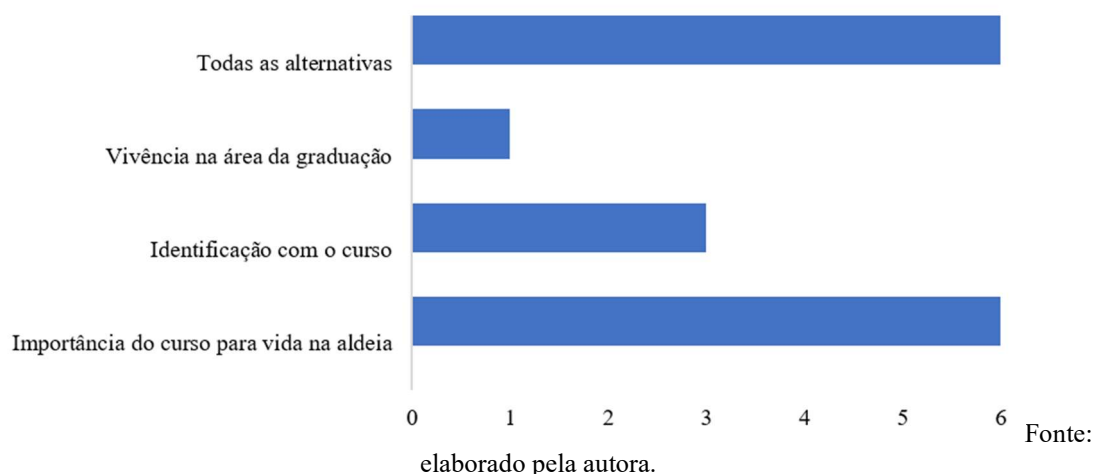
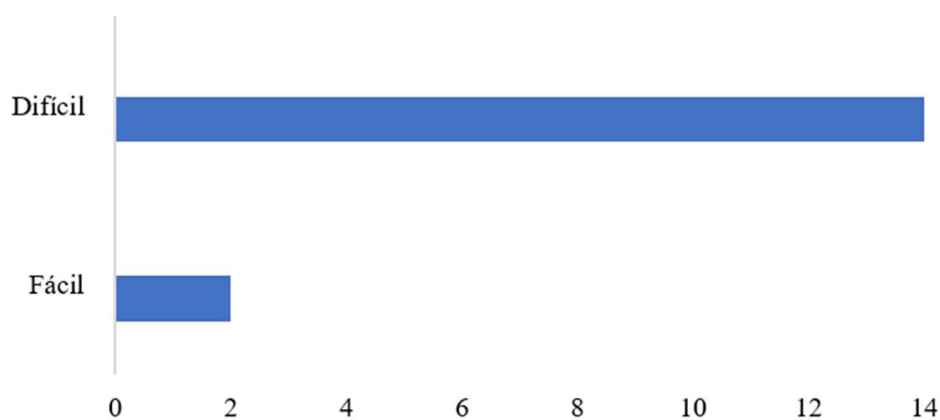
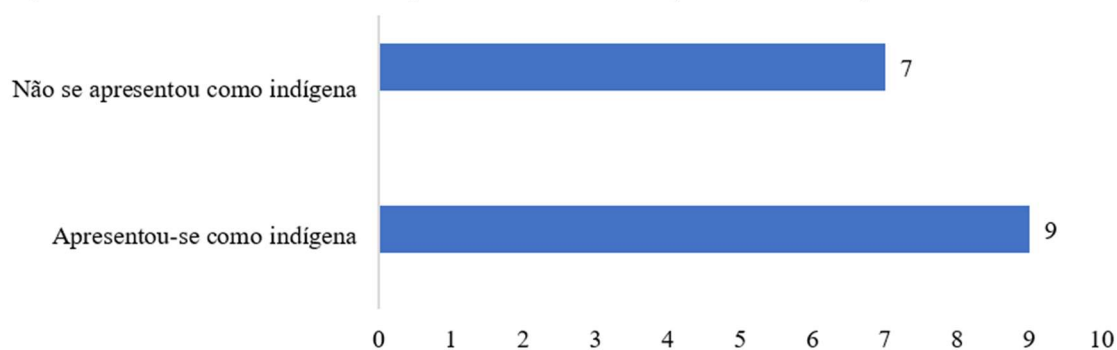


Figura 13 - Número que os informantes indígenas universitários que informaram como foi o ingresso na graduação.



Fonte: elaborado pela autora.

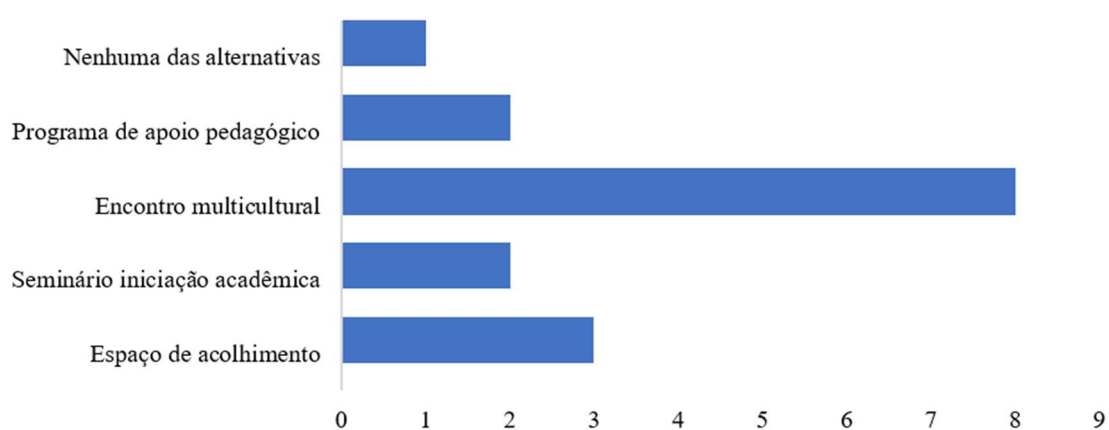
Figura 14 - Como os informantes indígenas universitários se apresentaram ao ingressar na universidade.



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à promoção de ações na universidade que possam deixá-la mais receptiva aos/às graduandos/as indígenas, 50% dos participantes escolheram a realização de encontro cultural, 18,75% preferem um espaço de acolhimento, 12,50% acham melhor um programa de apoio pedagógico, 12,50% ficaram com um seminário de iniciação acadêmica e 6,25% acham que não se precisa dessas ações (Figura 15).

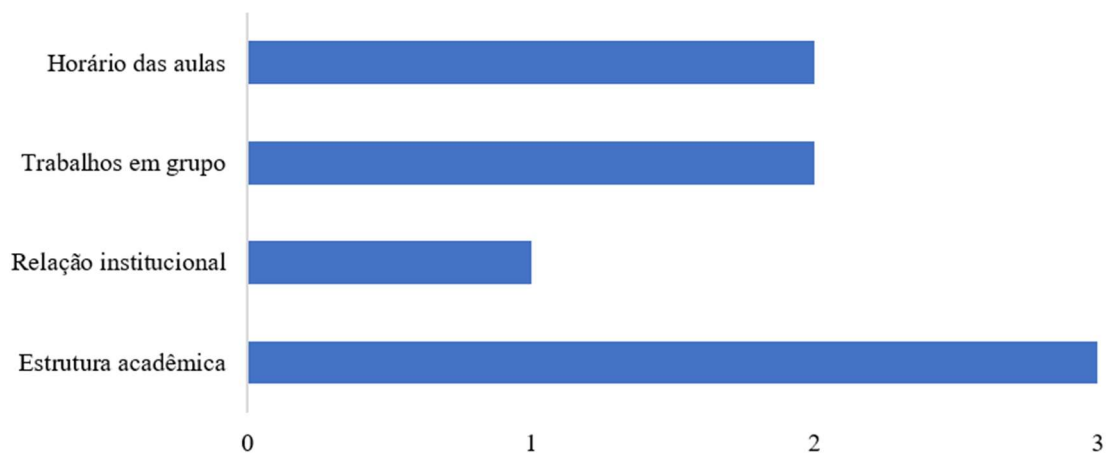
Figura 15 - Como os informantes indígenas universitários reconhecem a alternativa para promoção de ações na universidade.



Fonte: elaborado pela autora.

No que diz respeito às dificuldades no momento do ingresso na universidade, 50% dos/das participantes informaram que não houve dificuldades com o horário das aulas, com trabalhos em grupo, na relação institucional ou na estrutura acadêmica. Por outro lado, 18,75% informaram terem tido dificuldades com a estrutura acadêmica, 12,5% com o horário das aulas, 12,5% com trabalhos em grupo e 6,25% tiveram dificuldades na relação institucional (Figura 16).

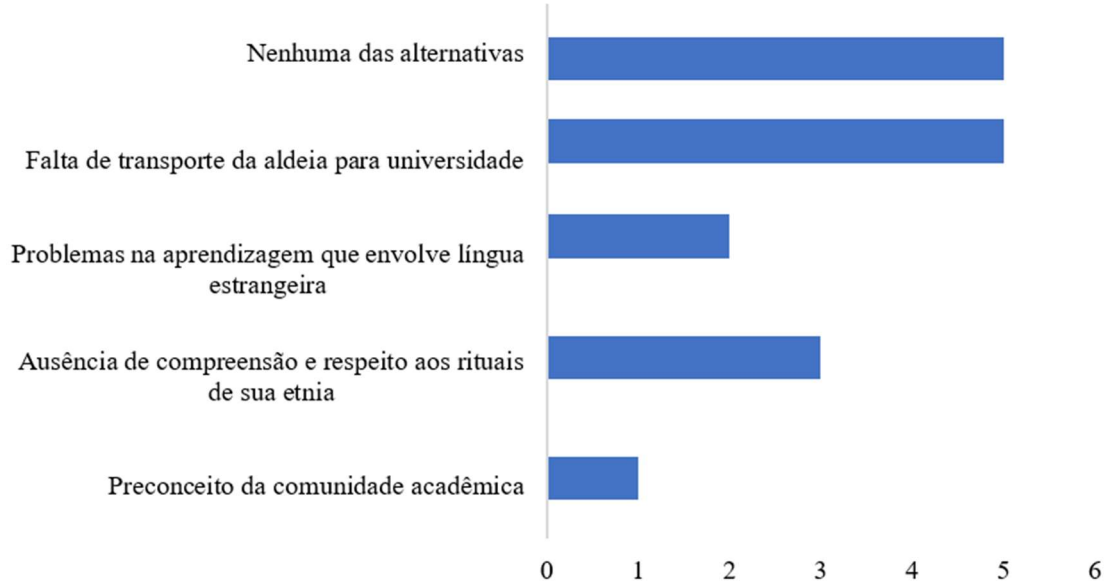
Figura 16 - Quais as dificuldades que os informantes indígenas universitários tinham nas atividades acadêmicas na universidade.



Fonte: elaborado pela autora.

Entre os/as participantes, 31,25% informaram que não se deparam com preconceito da comunidade acadêmica; ou com a ausência de compreensão e de respeito aos costumes e rituais de sua etnia; ou com problemas na aprendizagem de disciplinas que envolvam a língua estrangeira ou, ainda, com a falta de transporte da aldeia para universidade. Porém, a mesma porcentagem de estudantes (31,25%) se depararam/deparam com a falta de transporte da aldeia para universidade; 18,75% com ausência de compreensão e de respeito aos costumes e rituais de sua etnia; 12,50% com problemas na aprendizagem de disciplinas que envolvem a língua estrangeira e 6,25% com o preconceito da comunidade acadêmica, conforme Figura 17.

Figura 17 - Quais as dificuldades os informantes indígenas universitários tinham no dia-a-dia na universidade.



Fonte: elaborado pela autora.

Com relação à utilização de práticas como meio de inserção no cotidiano universitário, 37,5% dos/das participantes informaram que não utilizaram: o apoio dos membros da aldeia, nem a busca do serviço psicopedagógico da universidade, nem a busca de apoio dentro do grupo social ou de compartilhamento da cultura e costumes para se fortalecer. Todavia, 25% informaram que compartilharam cultura e costumes para se fortalecer, 12,5% consideram que o apoio dos membros da aldeia os ajuda a se inserir no cotidiano da universidade, 12,5% informaram que utilizam o serviço psicopedagógico da universidade e 12,5% buscam apoio dentro do seu grupo social, conforme Figura 18.

Figura 18 - Quais as práticas utilizadas pelos informantes indígenas universitários para se inserir ao cotidiano universitário.

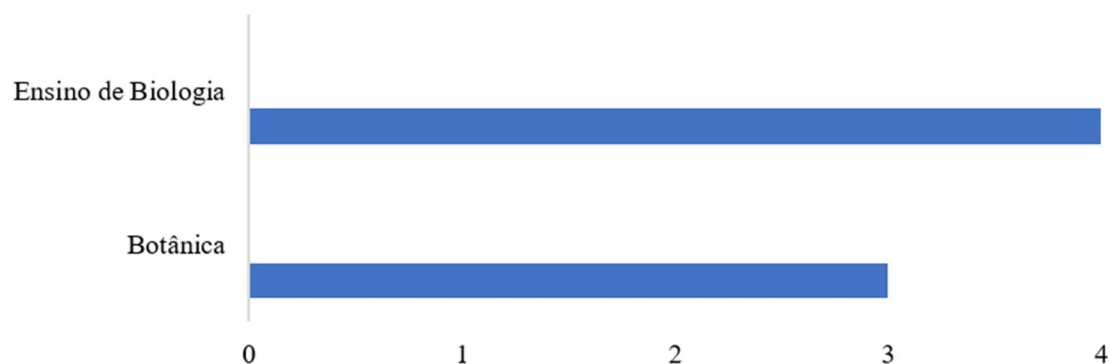


Fonte: elaborado pela autora.

4.4.2 2ª Pesquisa: Uma Cosmvisão das Ciências Biológicas e o cotidiano na sala de aula.

Verificou-se que 57,15% dos participantes escolheram o Ensino da Biologia como a área de maior interesse e 42,85% indicaram a Botânica, conforme a Figura 19.

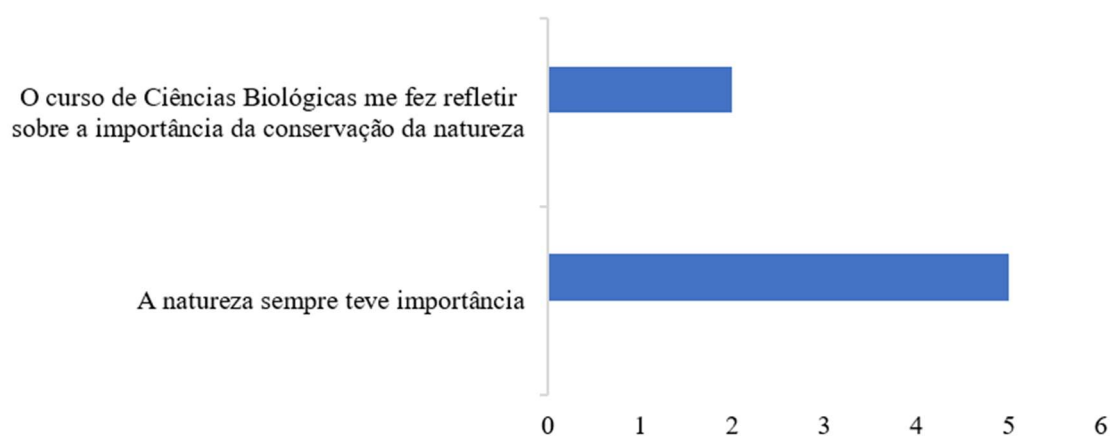
Figura 19 - Quais as áreas das Ciências Biológicas de maior interesse pelos informantes indígenas universitários.



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à influência do curso de Ciências Biológicas e à importância da conservação da natureza, 71,42% indicaram que a conservação da natureza sempre teve importância e 28,57% apresentaram que o curso de Ciências Biológicas trouxe a reflexão sobre a importância da conservação da natureza, conforme a Figura 20:

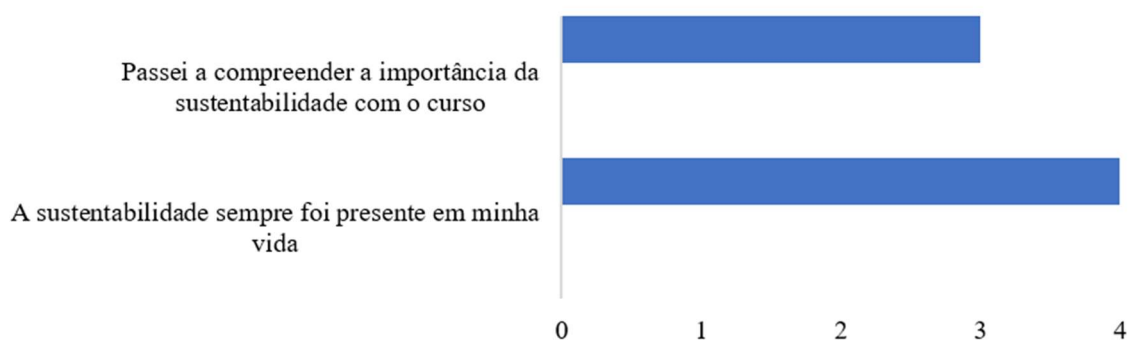
Figura 20 - Quais reflexões o curso de Ciências Biológicas levou para os/as informantes indígenas universitários quanto à conservação da natureza.



Fonte: elaborado pela autora.

A importância da sustentabilidade foi indicada da seguinte forma: 57,15% sempre trataram a sustentabilidade com importância e 42,85% indicaram ter passado a compreender a importância da sustentabilidade com o curso, conforme a Figura 21.

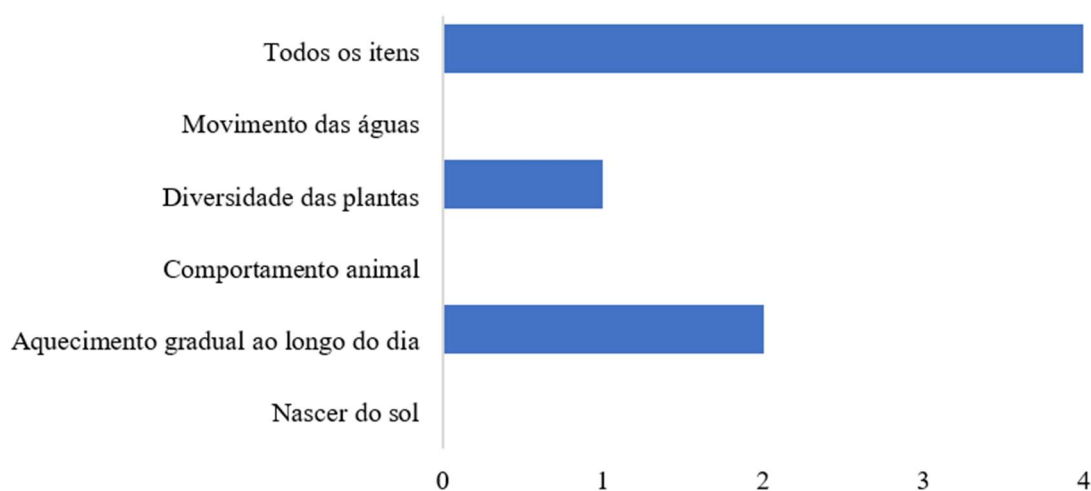
Figura 21 - Quais reflexões o curso de Ciências Biológicas levou para os/as informantes indígenas universitários quanto à importância da sustentabilidade.



Fonte: elaborado pela autora.

A diminuição ou extinção da fauna e flora da caatinga é reconhecida por 100% dos/das participantes. Cerca de 57,15% dessas pessoas informaram que são conhecimentos das Ciências Biológicas e que partem de suas construções diárias de vida, do movimento das águas, da diversidade das plantas, do comportamento animal e do aquecimento gradual ao longo do dia. Já 28,57% informaram o aquecimento gradual ao longo do dia e 14,28% apontaram a diversidade das plantas, conforme a Figura 22.

Figura 22 - Conhecimentos sobre as Ciências Biológicas que fazem parte da construção diária de vida, obtido tanto por observações como por vivência pelos informantes indígenas universitários.



Fonte: elaborado pela autora.

Ao contrário do primeiro questionário, o segundo também contou com questões abertas. Dessa forma, após uma leitura flutuante, conforme Bardin (2016), selecionamos algumas respostas mais condizentes com a pesquisa para analisar. Assim, o *corpus* foi constituído pelas respostas abaixo. Registramos que a letra “P” equivale ao termo Participante e que o algarismo corresponde à posição que a resposta do sujeito assumiu na planilha de respostas.

4.4.2.1 Corpus da pesquisa

1) Quais as suas perspectivas ao concluir o curso de Ciências Biológicas?

“Colocar em prática tudo que aprendi no curso, mas não esquecendo de fazer a relação de tudo estudado com nossas vivências de tradições e costumes do nosso povo” (P1).

“Contribuir no desenvolvimento sustentável no meu povo” (P3).

2) Você acredita que as Ciências Biológicas podem influenciar a sua relação com meio ambiente? Exemplifique.

“Meio ambiente é nossa vida, é local onde podemos nos conectar com nossos encantados, pensando assim sempre procurei preservar aquilo que temos de mais preciosos que é a natureza” (P1).

“Sim, BIOLOGIA é vida, sendo assim está em toda parte. Aprendemos diversas formas de conhecer o nosso meio e conseqüentemente valorizá-lo e preservá-lo” (P4).

3) Quais as contribuições que o curso de Ciências Biológicas te trouxe sobre a Agroecologia? Exemplifique.

“Possibilitou uma visão mais holística sobre esse conhecimento. Principalmente em relação ao manejo da terra e as experiências vividas pelos anciãos da comunidade e os Saberes Indígenas que estão sendo deixados de serem passados para os mais jovens pela falta de terra” (P6).

4) Você se sente pertencente ao espaço da sala de aula da universidade?

“SIM. Pois o espaço na universidade não interfere em minhas crenças e em meus costumes naquilo que realmente eu acredito” (P1).

“Não. A Universidade esta fora da nossa realidade, lá estudamos a realidade do mundo, nunca está voltado para nosso povo” (P3).

5) Você entende que o saber científico é diferente do saber tradicional no espaço da sala de aula na universidade? Por quê?

“Sim, pois o saber científico a barca procedimentos, expirimentos [sic] diferente do saber tradicional que é saber passado de geração em geração” (P1).

“Sim, o saber tradicional você adquirir no seio familiar, e científico na Universidade” (P3).

“Sim. O Saber Tradicional é empírico. E o Saber Científico é parte de análises dos fatos reais cientificamente comprovados. Na faculdade se busca apresentar análise e fatos que futuramente podem vir a serem usados como ferramenta no saber tradicional” (P6).

4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS QUESTÕES ABERTAS

A partir das informações acima, percebemos a relação respeitosa que os povos indígenas têm com o coletivo, com a aldeia e com a busca por melhores condições de vida para o seu povo. Além da importância das Ciências Biológicas enquanto instrumento para um melhor conhecimento do meio ambiente, percebeu-se em “P1” a relação espiritual que os povos originários também têm com a natureza. Verificamos que os

conhecimentos adquiridos sobre agroecologia se somam aos que já possuem, ao mesmo tempo em que favorecem uma reciclagem.

Observamos que a prática desenvolvida por “P1”, a qual identificamos como uma arte de fazer, é a de não deixar que os acontecimentos de sala de aula influenciem no que realmente acredita. Isto favorece sua integração ao espaço acadêmico pois, ao mesmo tempo em que se ajusta à realidade da sala de aula, a transforma ao ponto de não deixar que ela interfira nas suas escolhas (FREIRE, 2011).

Por sua vez, “P3” compreende que a universidade não foi feita para os/as indígenas, contudo, segue estudando numa demonstração de que é preciso estar lá. Para nós, essa resistência consiste numa “Arte de fazer” - numa tática. Na medida em que há o juízo de valor acerca da realidade que vivenciam, passa a existir uma integração ao espaço universitário e não uma mera adaptação em sinal de conformismo. Nesse sentido, Freire (2011, p. 58) nos ensina que “o homem pode ser eminentemente interferidor.

Ainda com relação às narrativas acima de “P1” e “P3” Certeau (2012, p. 37) apresenta que,

De outro lado, e, sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez as astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no ocidente.

No que diz respeito à relação dos indígenas com as disciplinas voltadas ao meio ambiente, verificou-se que a conservação da natureza é primordial, sempre estando presente em suas vidas. Outrossim, o Ensino da Biologia mostrou-se a área de maior interesse para os/as discentes. Dessa forma, acreditamos que os/as estudantes indígenas que permanecem em suas graduações o fazem de forma consciente e crítica, consumindo o ensino que lhes é ofertado e pensando acima de tudo em melhorar a condição de vida de seus povos.

O quadro 4 apresenta os artigos elaborados a partir do levantamento bibliográfico.

Quadro 4 - Síntese dos artigos obtidos no levantamento bibliográfico

TÍTULO DO ARTIGO	OBJETIVO	RESULTADO
A Graduação Indígena no Brasil a partir da Lei das Cotas: Estado do Conhecimento	Inventariar a produção acadêmica referente à temática que envolve os povos originários na graduação, no período compreendido entre os anos de 2013 a 2020, por considerar que se faz necessário o fortalecimento da causa indígena em todos os aspectos, inclusive, na Academia.	- O contexto social e as vivências dos indígenas na universidade ditam o objeto de estudo dos pesquisadores; - Regiões Sul e Sudeste são as que mais produzem trabalhos acerca desta temática. -Relevância das universidades públicas na produção de pesquisas acerca dos povos originários nos espaços universitários.
As Artes de Fazer de Estudantes Indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: Um Estudo Exploratório	Apresentar resultados de uma pesquisa, cujo objetivo foi verificar a adoção das “Artes de Fazer”, na concepção de Michel de Certeau, por estudantes indígenas de graduação quando da adaptação ao cotidiano acadêmico.	Os resultados indicam que os/as estudantes se reinventam como alternativa de adaptação ao espaço acadêmico e, também, revela a necessidade de uma melhor compreensão das subjetividades que acontecem dia a dia no <i>campus</i> , para que se possa avaliar o processo educacional posto.
Indígenas nordestinos e o modelo educacional universitário: estudo de caso.	Conhecer como um grupo de estudantes indígenas nordestinos reage ao padrão educacional universitário por meio de suas práticas cotidianas	O resultado mostra algumas “Artes de fazer” bem como a compreensão de que os alunos indígenas que persistem em seus cursos de graduação se comportam de forma consciente e crítica, com o objetivo principal de melhorar as condições de vida de seus povos.
As práticas cotidianas e a criticidade dos povos originários na Academia como forma de integração	Apresentar os resultados obtidos, por meio de entrevistas e questionários.	Compreendeu-se que os povos originários na universidade não se adaptam simplesmente ao sistema, mas conseguem por meio de práticas e de pensamentos críticos relacionar-se com a pluralidade de ideias que ali se encontra.

Fonte: elaborado pela autora.

ARTIGO 1 - A GRADUAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL A PARTIR DA LEI DAS COTAS: ESTADO DO CONHECIMENTO



VOZES
DOS VALES
Publicações Acadêmicas UFVJM



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 19 – Ano X – 05/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A Graduação Indígena no Brasil a partir da Lei das Cotas: Estado do Conhecimento

Alessandra Falcão Teixeira
Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS-Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1847191552597657>
E-mail: falcaoalessa@hotmail.com

Isabela Andrade de Lima Morais
Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6479709721632696>
E-mail: isabelamorais.ufpe@gmail.com

Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida
Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco-
UFPE-Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6822335833269840>

A Graduação Indígena no Brasil a partir da Lei das Cotas: Estado do Conhecimento¹³

Alessandra Falcão Teixeira

Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS-Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1847191552597657>

E-mail: falcaoalessa@hotmail.com

Isabela Andrade de Lima Morais

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6479709721632696>

E-mail: isabelamorais.ufpe@gmail.com

Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida

Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco- Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6822335833269840>

E-mail: ccastelobranco@yahoo.com.br

Resumo: O propósito deste trabalho foi inventariar a produção acadêmica referente à temática que envolve os povos originários na graduação, no período compreendido entre os anos de 2013 a 2020, por considerar que se faz necessário o fortalecimento da causa indígena em todos os aspectos, inclusive, na Academia. Foi adotada a pesquisa do tipo “Estado do Conhecimento” como metodologia. Verificou-se que o contexto social e as vivências dos indígenas na universidade ditam o objeto de estudo dos pesquisadores. Constatamos, ainda, que as Regiões Sul e Sudeste são as que mais produzem trabalhos acerca desta temática. Concluiu-se pela relevância das universidades públicas na produção de pesquisas acerca dos povos originários nos espaços universitários, pois além de fortalecerem estes grupos étnicos, contribuem, também, para as suas historicidades

Palavras-chave: Estudantes indígenas. Universidade. Produção acadêmica.

¹³ Artigo publicado na Revista Vozes dos Vales – UFVJM , nº 19-Ano X-05/2021. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2021/05/Alessandra.pdf>.

Abstract: This piece of research consists in the inventory and analysis of the academic production concerning themes which involve the access of originary peoples to university education at undergraduate level from 2013 to 2020, under the assumption that it is necessary to strengthen the indigenous cause in every aspect, which includes the Academy. The methodology adopted here is the so-called "State of knowledge". It has been found that the social context and the indigenous students' living experience at the university dictate the researchers' aim of study. It was also found that the Southern and Southeastern regions are the most productive concerning the themes at stake. It is also noticed that there are very few studies of that kind in the Northern, Northeastern and Mid-Western regions. The conclusion is for the relevance that public universities in the production of research concerning originary peoples in the university spaces, since, besides strengthening them as citizens, it also contributes to the historicity of the ethnic groups.

Keyword: indigenous students. university. academic production.

Introdução

Os povos originários reinventam-se diariamente desde os últimos 520 anos em decorrência da conquista do Brasil pelos portugueses. Ao longo desses anos conseguiram sensibilizar parte da sociedade e por meio de ações afirmativas há hoje no país um crescente número de indígenas nas graduações.

Estas ações surgiram no Brasil como reflexo da III Conferência contra a Xenofobia e a Discriminação realizada na África do Sul, Durban, em 2001, esse acontecimento possibilitou que os representantes do movimento negro brasileiro denunciasses o chamado “racismo à brasileira” e expusessem as condições de marginalidade e desigualdade social vivenciada pelos negros e descendentes em comparação à população brasileira declarada branca. Na ocasião, a representação brasileira foi fundamental para que o Brasil assumisse o compromisso formal de combater o racismo, a partir da criação de ações afirmativas que valorizassem a identidade de grupos étnicos e sociais inserindo-os na sociedade (GUARNIERE E MELO-SILVA, 2017).

Para Kim e Tomassiello (2018), as ações afirmativas pretendem compensar uma desigualdade histórica, mas nem sempre esses atos são aceitos por todos os membros da sociedade, uma vez que primeiro o Estado reconhece a prática de atos ilegais ou ilegítimos num determinado momento da história de um povo e, só posteriormente, exige que a nação compreenda a necessidade dessa compensação.

Com relação à temática, somos da opinião de que a educação deveria ser de boa qualidade para toda a sociedade, porém já que isso não foi viabilizado até os dias atuais, concordamos que tais políticas são necessárias.

Para Feres Júnior e Daflon (2014) as ações afirmativas são medidas de reserva de recursos em prol de grupos minoritários que sofreram ou sofrem discriminações, aumentando o acesso desses grupos aos direitos sociais, aos bens materiais, e/ ou ao reconhecimento cultural.

Assim, as cotas nas Instituições Públicas Federais de Ensino surgiram no intuito de compensar a detenção do direito, quase que total, da elite branca e dos mais abastados à educação superior no Brasil.

Estas ações surgiram primeiro em universidades estaduais. Nesse sentido, Feres Júnior e Daflon (2014) apresentam que as universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro foram as primeiras a adotar cotas para negros em 2000 e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) regulamentou a política de cotas no ano de 2002.

Segundo Campos et. al (2016), leis estaduais foram precursoras na criação das ações afirmativas obrigando as instituições estaduais de ensino a oferecerem tais políticas, porém, com o passar do tempo os conselhos universitários foram adotando suas próprias medidas de inclusão, por meio de resoluções, indicando tal fato, que o debate acerca da ação afirmativa tinha sido levado para dentro das instituições de ensino.

Os povos originários assim como os afrodescendentes tiveram reconhecida sua condição de minoria para acesso às universidades federais por meio da Lei nº 12.711/2012, também conhecida como “Lei das Cotas”.

Dessa forma, o propósito deste trabalho é relacionar trabalhos acadêmicos elaborados a partir da Lei nº 12.711/2012, no intuito de conhecer e fortalecer a causa indígena na graduação. Não se tem a pretensão de esgotar o assunto, porém de fazer um registro sobre o tema que sirva de referência para outros pesquisadores, bem como que colabore na historicidade dos povos originários no Brasil.

Percurso metodológico

O levantamento de dados, primeiro passo de qualquer pesquisa científica, é feito de duas maneiras: pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias) (LAKATOS, 2017).

Destarte, com o objetivo de conhecer o que vem sendo pesquisado acerca de estudantes indígenas de graduação no ensino superior brasileiro, após a promulgação da Lei das Cotas, foi realizada uma pesquisa conhecida como “estado do conhecimento”.

Nesse sentido:

Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um “estado da arte” sobre “Formação de Professores no Brasil” não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento” (ROMANOWSKI E SEM, 2006, p.39-40).

Assim, achou-se mais prudente adotar o entendimento de Romanowski e Sem (2006), pois concordamos que o Estado da Arte deve, de fato, fazer um apanhado minucioso de toda uma área de conhecimento e suas produções.

Entretanto, apesar de não identificarmos nossa pesquisa como do tipo “estado da arte” ainda, podemos oferecer uma visão geral do que se tem escrito, um “estado do conhecimento” no intuito de permitir uma visão das pesquisas e dos temas emergentes utilizando os resumos de artigos de periódicos, de teses e de dissertações em nosso estudo.

Müller (2015), apresenta que as pesquisas do tipo “estado da arte” pressupõem uma infinidade, pois estão sempre sofrendo alterações ou modificações mediante novos dados coletados, devendo ser colocadas à disposição para que os pesquisadores possam utilizá-las como referência. Nesse sentido, cremos que nosso trabalho também terá aquela função.

Definimos o seguinte roteiro para análise do estudo:

- a) Descritores utilizados: “estudantes indígenas” e “universitários indígenas”.
- b) Levantamento dos dados: Foram utilizados quatro bancos de dados eletrônicos: o Portal de Periódicos da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o Google Acadêmico e a SciELO – Scientific Electronic Library Online.
- c) Marco temporal: Período compreendido entre os anos de 2013 a 2020, ou seja, após a publicação da Lei das Cotas. Em que pese a legislação em foco ser destinada a instituições federais de ensino superior, buscou-se o apontamento de material acadêmico, independentemente do tipo de instituição de ensino: pública ou privada.
- d) Análise dos dados: Foi realizada a partir dos resumos das publicações no intuito de ter uma visão geral: dos assuntos abordados pelos pesquisadores; das unidades da federação que mais desenvolvem pesquisas a esse respeito; dos tipos de instituições de ensino

superior que mais produzem esses trabalhos e dos tipos de estudos mais desenvolvidos. Adotamos os resumos como unidade de análise, a partir da interpretação de Ferreira (2002):

Eles trazem, enquanto gênero do discurso, um conteúdo temático, que é o de apresentar aspectos das pesquisas a que se referem; trazem uma certa padronização quanto à estrutura composicional: anunciam o que se pretendeu investigar, apontam o percurso metodológico realizado, descrevem os resultados alcançados; e, em sua maioria, seu estilo verbal é marcado por uma linguagem concisa e descritiva, formada de frases assertivas, em um certo tom “enxuto”, impessoal, sem detalhamento, com ausência de adjetivos e advérbios. **É verdade que nem todo resumo traz em sim mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo.** De todo modo, pode-se estabelecer a partir de uma certa ordenação de resumos uma rede formada por diferentes elos ligados a partir do mesmo suporte material que os abriga, pela opção teórica manifesta, pelo tema que anuncia, pelo objetivo explicitado da pesquisa, pelo procedimento metodológico adotado pelo pesquisador. Um conjunto de resumos organizados em torno de uma determinada área do conhecimento (Alfabetização, Leitura, Formação do Professor, Educação Matemática, por exemplo) pode nos contar uma História de sua produção acadêmica. Mas, é necessário pensar que nesta História foram considerados alguns aspectos dessa produção e que nela há certas limitações (FERREIRA, 2002, p. 268, grifo nosso).

e) Elaboração das considerações finais.

Análise do Corpus

Após uma leitura “flutuante”, conforme Bardin (2016), foram eliminadas as publicações que incluíam os afrodescendentes, e as que diziam respeito a estudos anteriores a 2013, bem como as que se repetiram nos bancos de dados.

Dessa forma, restaram 51 documentos, entre artigos, teses e dissertações, para serem submetidos à análise.

Tabela 1 – Publicações selecionadas.

PUBLICAÇÃO ANO	TÍTULO	PRODUÇÃO ACADÊMICA
2013	Subsídios para o desenvolvimento de ações de letramento na política de permanência de indígenas na universidade.	Dissertação
2013	Estudantes indígenas no ensino superior: o Programa de acesso e permanência da UFRGS.	Artigo
2013	Entre equidade social e assimetria de poder: uma análise da implementação de políticas de ação afirmativa de educação superior para indígenas no Brasil.	Artigo

2013	A presença de estudantes indígenas na Universidade Federal de Santa Catarina: Um panorama a partir do programa de ações afirmativas – PAA/UFSC.	Artigo
2013	O ensino superior indígena como política pública: elementos para a construção de um modelo metodológico de avaliação e comparação de experiências locais	Artigo
2013	Política de ação afirmativa: compreendendo a dinâmica da in(ex)clusão na formação acadêmica de estudantes indígenas da UFT.	Tese
2013	Universidade e universitários indígenas na internet: inclusões e exclusões no âmbito da representação.	Tese
2013	Política afirmativa de cotas: o acesso de indígenas à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.	Artigo
2014	Geopolíticas De Escrita Acadêmica Em Zonas De Contato: Problematizando Representações E Práticas De Estudantes Indígenas	Artigo
2014	Preconceito, identidade e representações sociais: relações intergrupais de estudantes indígenas e não indígenas no ambiente acadêmico.	Tese
2014	Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade.	Dissertação
2014	Trajetórias de estudantes universitários (as) indígenas.	Tese
2014	Permanência na Universidade: O que dizem os estudantes indígenas da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.	Artigo
2015	Políticas afirmativas no ensino superior: estudo etnográfico e experiências em universidade do Mato Grosso do Sul (Terena e Kaiowa-Guarani)	Dissertação
2015	Jovens indígenas universitários: experiências de transições e etnogênese acadêmica nas fronteiras interculturais do desenvolvimento.	Tese
2015	Políticas de ação afirmativa e o direito à educação: desafios de acesso e de permanência de estudantes indígenas no estado do Rio de Janeiro.	Artigo
2015	Política de Acessibilidade à universidade para os indígenas: Lei de Cotas na realidade da Universidade Federal da Fronteira do Sul	Artigo
2016	Passou? Agora é luta! Um estudo sobre ações afirmativas e a presença de jovens estudantes indígenas na Universidade Federal da Bahia.	Tese
2016	Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento	Artigo
2016	O Ciclo intercultural de iniciação acadêmica para estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina.	Dissertação

2016	Democratização, autonomia, protagonismo, governança: três iniciativas na educação superior de indígenas no Brasil.	Artigo
2016	A função social do acesso ao ensino superior diante da sub-representatividade dos povos originários: uma análise acerca da política pública de cotas (Lei nº 12.711/2012) e da resistência indígena no Brasil.	Artigo
2016	O ensino superior e a educação inclusiva: questão indígena.	Artigo
2016	A educação superior para indígenas no discurso da corte constitucional brasileira: Uma análise do Acórdão da ADPF nº 186 do Supremo Tribunal Federal.	Artigo
2016	Indígena -Mulher-Mãe-Universitária: o estar-sendo estudante na UFRGS	Dissertação
2016	Os desafios e conquistas dos indígenas na educação superior em Mato Grosso do Sul.	Artigo
2017	Os povos indígenas na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim – afirmações e conflitos: o diagnóstico do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza	Dissertação
2017	Acadêmicos indígenas em Roraima e a construção da interculturalidade indígena na universidade: entre a formação e a transformação	Tese
2017	Atitudes linguísticas de universitários tikuna: uma análise da situação do contato português/tikuna	Dissertação
2017	A invisibilidade indígena no Rio Grande do Sul: mito diferença cultural e educação.	Artigo
2017	Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS: movimentos de re-existência.	Tese
2017	A competência em informação dos estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina.	Artigo
2017	Transições e reconfigurações do self de jovens indígenas na experiência universitária	Artigo
2017	A construção do projeto de vida e carreira em estudantes indígenas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo exploratório	Artigo
2017	Encontros e desencontros das ações afirmativas no ensino superior: as resistências dos estudantes indígenas.	Artigo
2018	Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência.	Artigo
2018	Indígenas, cosmovisão e ensino superior: [algumas] tensões.	Dissertação
2018	Uso das bibliotecas digitais da Biblioteca Central pelos estudantes indígenas da UnB.	Dissertação
2018	Ações afirmativas no ensino superior e povos indígenas no Brasil: uma trajetória de trabalho.	Artigo

2018	Estudantes indígenas: a invisibilidade nas instituições de ensino e nos dados estatísticos	Artigo
2018	Da aldeia à universidade: os estudantes indígenas no diálogo de saberes tradicional e científico na UFT.	Tese
2019	A rebelião indígena na UFOPA e os desafios da interculturalidade no ensino superior.	Artigo
2019	A Universidade como território de conflitos socioculturais entre as comunidades indígena e não indígena.	Dissertação
2019	Educação superior indígena na UnB: perfil, trajetória, expectativas e desafios dos estudantes	Dissertação
2019	Indígenas no ensino superior: uma análise sobre a formação dos estudantes Kaingang da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Tese
2019	Sobre alunos indígenas na universidade: dispositivos e produção de subjetividades.	Artigo
2019	Estudantes indígenas e os desafios pedagógicos no ensino superior.	Dissertação
2020	Trajetórias Indígenas na universidade: O direito ao ensino superior no Rio de Janeiro.	Artigo
2020	Letramento acadêmico e desenvolvimento da escrita por alunos indígenas em uma licenciatura em educação do campo, Brasil.	Artigo
2020	Movimentos indígenas e o espaço universitário: alternativas ao protagonismo indígena na Amazônia Brasileira.	Artigo
2020	Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas	Artigo

Fonte: Autora (2019)

Análise dos dados

O *corpus* da nossa pesquisa está constituído da seguinte forma: 29 artigos; 12 dissertações e 10 teses. Percentualmente, os artigos se sobressaem nos estudos e correspondem a 56,8% do acervo; as dissertações ficam em segundo lugar com 23,6% e as teses sinalizam 19,6 % do material coletado.

As principais temáticas dos estudos inventariados são: políticas públicas; representação social e estatística da população indígena nas universidades; o preconceito no ambiente acadêmico; a relação entre estudantes indígenas e não indígenas; trajetórias desses/dessas estudantes na academia; desafios e conquistas por esse grupo no ensino superior e duplo pertencimento.

Registramos que dois trabalhos chamaram atenção por refletirem, em nossa concepção, grandiosa relevância: a necessidade premente de auxílio ao estudante ingressante, bem como a demonstração da invisibilidade desse grupo étnico que faz com que seus índices não tenham importância para sociedade.

Nesse contexto, Alves (2016) apresenta a criação, pela Universidade Estadual de Londrina, do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica para os Estudantes Indígenas e Aurora (2018) que pesquisou sobre os dados estatísticos de alunos indígenas em 4 universidades.

Dentre as Instituições Educacionais, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul se destacou com oito publicações, que correspondem a 16% dos dados coletados.

Identificamos que os Programas de Pós-Graduação envolvidos neste estudo, foram: em Letras; em Administração de Empresas; em Linguística Aplicada; em Psicologia Social; em Memória Social; em Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais; em Psicologia; em Antropologia Social; Profissional em Educação; em Estudos da Linguagem, em Educação e em Sustentabilidade na Gestão Ambiental.

Observamos, também, que quatro artigos não estão vinculados a instituições de ensino sendo publicados por revista argentina, bem como do estado de Minas Gerais e do Distrito Federal.

Além disso, alguns estudos foram elaborados por instituição diversa à da realização da pesquisa, como por exemplo, a tese intitulada: “Preconceito, identidade e representações sociais: relações intergrupais de estudantes indígenas e não indígenas no ambiente acadêmico”, tem como objeto de estudo estudantes indígenas da Universidade Federal do Mato Grosso, contudo o Programa de Pós-Graduação a que o trabalho está vinculado é da Universidade Federal da Paraíba.

Das 31 instituições de ensino cujos trabalhos participaram desta pesquisa, 4 eram privadas e 27 públicas.

Em relação à distribuição das produções acadêmicas por região da federação, constatamos que as Regiões Sul e Sudeste são as que apresentam mais pesquisas.

Conclusão

O escopo deste artigo foi apresentar, ainda que de modo sucinto, por meio do “Estado do conhecimento” o que se tem escrito acerca da presença dos povos originários nos cursos de graduação no Brasil, após o advento da Lei das Cotas.

Dada a novidade da legislação e o seu alcance nacional, verificamos que nos primeiros anos após sua promulgação, os temas: políticas públicas e ações afirmativas eram muito presentes, todavia com o transcorrer dos tempos e na medida em que os estudantes passaram a se relacionar de fato com/no mundo acadêmico, os estudiosos foram diversificando seus objetos.

Dessa forma, sinalizamos com este artigo a carência de pesquisa científica acerca da experiência dos estudantes indígenas nas graduações nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País e, ainda, evidenciamos a relevância das instituições públicas de ensino na produção de pesquisa acadêmica acerca destes grupos étnicos.

Por fim, registramos que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. Pelo contrário, nosso propósito foi de possibilitar uma visão geral, demonstrando o foco dos estudos, a atenção que é dada a algumas matérias e demonstrar onde há escassez de pesquisas.

Referências

ALVES, Roseli. O ciclo intercultural de iniciação acadêmica para estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina. 2016. Dissertação - Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) Universidade Estadual do Maringá, Paraná. 2016. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3956>. Acesso em: 11 mai 2020.

AMES, Valesca. Indígenas no ensino superior: uma análise sobre a formação dos estudantes Kaingang da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019. Tese (Programa de Pós-graduação em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/207186>. Acesso em: 05 jul 2020.

ANGELIM, Ana Paula. A construção do projeto de vida e carreira em estudantes indígenas: Um estudo exploratório. *Psicologia & Sociedade*, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e161330.pdf>. Acesso em: 06 mai 2020.

ANGNES, Juliane Sacchser; FREITAS, Maria de Fátima Quintal; KLOZOVSKI, Marcel Luciano; MATTOS, Sandra Mara Matuisk; COSTA, Zoraide Fonseca da. permanência na universidade: o que dizem os estudantes indígenas da universidade estadual do centro-oeste do Paraná. *Holos. Rio Grande do Norte*, v. 6, p. 190-205. (2014) Disponível em:

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1658>. Acesso em: 15 jan 2020.

ASCARI, Viviane Marmentini. Os povos indígenas na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim - afirmações e conflitos: o diagnóstico do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza. 2017. Dissertação. (Mestrado Profissional). Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Universidade Federal da Fronteira do Sul. Santa Catarina, 2017.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 3ª reimpr. da 1ª edição de 2016. São Paulo: Almedina Brasil, 2016, 279 p.

BERGAMASCHI, M. A.; Doebber, M. B.; Brito, P. Os Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v99n251/2176-6681-rbeped-99-251-37.pdf>. Acesso em: 26 jun 2020.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; KURROSCHI, Andreia Rosa da Silva. Estudantes indígenas no ensino superior: O Programa de acesso e permanência da UFRGS. Políticas Educativas. Porto Alegre. V. 6, n.2, p. 1-20, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Poled/article/viewFile/45654/28834>. Acesso em: 08 jul 2020.

BIZERRIL, G. R. Resistência e Existência Indígena no Ensino Superior: Uma Análise de Eventos Étnicos na UnB. Interethnic@ - Revista de Estudos em Relações Interétnicas, v. 21, n. 3, p. 10-12, 30 dez. 2018.

BRACCIALI, Marcia Regina Pires. A Universidade como território de conflitos socioculturais entre as comunidades indígena e não indígena. Dissertação. 2019. Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11411?show=full>. Acesso em: 27 jun 2020

BRAULINA, A. Estudantes indígenas: a invisibilidade nas instituições de ensino e nos dados estatísticos. Revista de Estudos em Relações Interétnicas, v. 2, p.3-7. Disponível

em: <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/21197/19551>. Acesso em: 20 jun 2020.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 20 maio 19.

BRITO, Patrícia Oliveira. Indígena -Mulher-Mãe-Universitária: o estar-sendo estudante na UFRGS. 2016. Dissertação (Programa de pós-Graduação em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/eventos/dissertacao-ppgedu-46>. Acesso em: 21 mai 2020.

CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. Atitudes linguísticas de universitários tikuna: uma análise da situação do contato português/tikuna / Ana Letícia Ferreira de Carvalho. – 2017. 123 f.; il. Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2017.

CASSANDRE, Marcio Pascoal; AMARAL, Wagner Roberto do; SILVA, Alexandro da. Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 934-947, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512016000400934&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 Feb. 2021

CASTORINO, Adriano Batista. Trajetórias de estudantes universitários (as) indígenas. 2014. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_4fffaecc6a37a8081d010446f2d4193b. Acesso em: 27 jun 2020.

DOEBBER, Michele Barcelos. Indígenas Estudantes nas Graduações da UFRGS: movimentos de re-existência / Michele Barcelos Doebber. -- 2017. 302 f. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação,

Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169281>. Acesso em: 26 jun 2020.

FERES JÚNIOR, João; DAFLON, T. Verônica. (2014) Políticas da Igualdade Racial no Ensino Superior. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, 5, P. 31-43. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291041318_Políticas_da_Igualdade_Racial_no_Ensino_Superior. Acesso em: 8 jun 20.

FERES JÚNIOR, João; MACHADO, Marcell; EURÍSTENES, Poema & CAMPOS, Luiz Augusto. (2017), “Políticas de ação afirmativa nas universidades estaduais (2016)”. Levantamento das políticas de ação afirmativa (GEMAA), IESP-UERJ, p. 1-30. Disponível em: <http://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/12/Levantamento-Estaduais-2016-1.pdf>

FERNANDES, R.M.C.; VALESCA, A.; DOMINGOS, A. Encontros e desencontros das ações afirmativas no ensino superior: as resistências dos estudantes indígenas. O Social em Questão - Ano XX - nº 37- Jan a Abr/2017. P. 71-90. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175235/001064438.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 mai 2020.

FERNANDES, Fernando Roque. Movimentos indígenas e o espaço universitário: alternativas ao protagonismo indígena na Amazônia Brasileira. Educação e emancipação. v.13, n.1, jan./abr.2020. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/13601>. Acesso em: 13 set 20

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A Rebelião Indígena Na Ufopa E Os Desafios Da Interculturalidade No Ensino Superior. Novos Olhares Sociais. V. 2, n 1. 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/465>. Acesso em: 13 set 2020.

FERREIRA, Rosane Caminski Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade. Dissertação. Mestrado Profissional. Programa de Pós-

graduação em Memória Social e Bens Culturais. Centro Universitário La Salle. Canoas 2014, p. 101. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108543/000949155.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mai 2019.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”, *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 23, n. 79, 2002, p. 257. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 jun 2020.

FERREIRA, Sandra Alberta. Política de ação afirmativa: compreendendo a dinâmica da in(ex)clusão na formação acadêmica de estudantes indígenas da UFT. 2013. 131 f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/810>. Acesso em: 04 jun 2020.

FRANÇA, Simone dos Santos; PINTO, Maria Leda. Política afirmativa de cotas: o acesso de indígenas à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. *Revista Philologus*, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 607-616. jan./abr.2013 – Suplemento. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO19/55SUP/049.pdf>. Acesso em: 16 jun 2020.

FREITAS, Ana Elisa de Castro; HARDER, Eduardo. Entre a equidade e a assimetria de poder: uma análise da implementação de políticas afirmativas de educação superior indígena no Brasil. Rio Grande do Sul. *Revista de Ciências Sociais* v. 3, n. 1 (2013). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/11221>. Acesso em: 17 jun 2020.

FREITAS, Ana Elisa de Castro; HARDER, Eduardo. A educação superior para indígenas no discurso da corte constitucional brasileira: uma análise do acórdão da adpf n. 186 do Supremo Tribunal Federal. *Revista del Instituto de Investigaciones em Educación*. n. 8. 2016. Disponível em: <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/riie/article/view/3669>. Acesso em: 17 jun 2020.

GOMES, E. de F. M.; PIOVEZANA, L.; TREICHEL, A. de C. F. dos S. Política de Acessibilidade a universidade para os indígenas: Lei de Cotas na realidade da

Universidade Federal da Fronteira do Sul 2015. Revista Pedagógica, v.17, N.34, JAN/ABR. 2015. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/viewFile/2920/1677>. Acesso em: 20 jun 2020.

GUARNIERI, F.V.; SILVA L.L. M. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 2, maio/agosto de 2017: 183-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n2/2175-3539-pee-21-02-00183.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

HERBETTA, Alexandre Ferraz; NAZARENO, Elias. Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas. Tellus, Campo Grande, MS, ano 20, n. 41, p. 57-82, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/640>. Acesso em: 17 jan 2021.

KARAM BRUM, Ceres. A invisibilidade indígena no Rio Grande do Sul: mito, diferença cultural e educação. Congresso Universidade, p. 132-147. 2017. Disponível em: <http://revista.congresouniversidad.cu/index.php/rcu/article/view/921>>. Acesso: 18 jun 2020.

KIM, Richard Pae; TOMMASIELLO, Flávia Carneiro. A produção acadêmica jurídica sobre as ações afirmativas no Brasil (2013 a 2016): teses e dissertações sob a ótica dos direitos humanos e fundamentais. Revista de Direito Brasileira | São Paulo, SP | v. 19 | n. 8 | p. 276 - 297 | jan./abr. 2018. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-Dir-Bras_v.19_n.8.18.pdf. Acesso em: 10 jun 20.

LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 2017, p, 157

LIMA, Alan Lucas de Oliveira; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita. Estratégias de permanência no ensino superior para povos indígenas em uma Universidade Federal. Revista LABOR, Fortaleza (CE),v. 1, n. 23, p. 276-294, jan./jun. 2020. Disponível: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53193>. Acesso em: 13 set 2020.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. Ações afirmativas no ensino superior e povos indígenas no Brasil: uma trajetória de trabalho. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 24, n. 50, p. 377-448, Apr. 2018. Available Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832018000100377&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 fev 2021.

LISBOA, João Francisco Kleba. Acadêmicos indígenas em Roraima e a construção da interculturalidade indígena na universidade: entre a formação e a transformação. 2017. 299 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_16326410776646fa0c3fd509d8573bc5. Acesso em: 05 fev 2020.

LISBOA, Flávia Marinho; NEVES, Ivânia dos Santos. Sobre Alunos Indígenas Na Universidade: Dispositivos E Produção De Subjetividades. 2019 *Educ. Soc.* vol.40 Campinas 2019 Epub. Dec 09, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302019000100327. Acesso em: 02 fev 2021.

MÜLLER Tânia Mara Pedroso. As pesquisas sobre o “estado do conhecimento” em relações étnicoraciais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 62, p. 164-183, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n62/2316-901X-rieb-62-00164.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

NASCIMENTO, R. G. Democratização, autonomia, protagonismo, governança: três iniciativas na educação superior de indígenas no Brasil. *Espaço Ameríndio*. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/65051>. Acesso em: 20 jun 2020.

NIEDERAUER, Marcia. Universidade e universitários indígenas na internet: inclusões e exclusões no âmbito da representação. 2013. 287 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/Handel/REPOSIP/269691>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

NUNES, Camila Dilli. Subsídios para o desenvolvimento de ações de letramento na política de permanência de indígenas na universidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/neab/index.php/2017/03/06/subsidios-para-o-desenvolvimento-de-aco-es-de-letramento-na-politica-de-permanencia-de-indigenas-na-universidade/>. Acesso em: 15mai 2020.

OLIVEIRA, Sirlene Maria Dias. Estudantes indígenas e os desafios pedagógicos no Ensino Superior. 2019 Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12262/Sirlene%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o_Corrigida_Final_Postar%20BC. Acesso em: 15 mai 2020.

ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro. Indígenas, cosmovisão e ensino superior: [algumas] tensões. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). 2018. Programa de Pós-Graduação Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154217>. Acesso em: 16 mai 2020.

PAULA, Luis Roberto de. O ensino superior indígena como política pública: elementos para a construção de um modelo metodológico de avaliação e comparação de experiências locais. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 94, n. 238, p. 795-810, Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000300008&lng=en&nrm=iso. access em 07 Fev 2021.

PATATAS, Luísa do Amparo Carvalho. Preconceito, identidade e representações sociais: relações intergrupais de estudantes indígenas e não indígenas no ambiente acadêmico. 2014. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

PRADO, Hugo Leonardo et al. A competência em informação dos estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 102-114, maio

2017. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/46201>>. Acesso em: 07 jul. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p102>.

QUISPE SUPO, Julia Judith. Uso das bibliotecas digitais da Biblioteca Central pelos estudantes indígenas da UnB. 2018. 172 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32718>. Acesso em: 04 jul 2020.

RENAULT, Cláudia Regina Nunes dos Santos. Educação superior indígena na UnB: perfil, trajetória, expectativas e desafios dos estudantes. 2019. 91 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2553>. Acesso em: 04 jul 2020.

RESSURREIÇÃO, S.B. Jovens indígenas universitários: experiências de transições e etnogênese acadêmica nas fronteiras interculturais do desenvolvimento. Salvador. UFBA: 2015. 414f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23921>. Acesso em: 05 mai 2019

RESSURREIÇÃO, Sueli Barros da; SAMPAIO, Sonia Maria da Rocha. Transições e reconfigurações do self de jovens indígenas na experiência universitária. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 3, setembro/dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-495.pdf>. Acesso em: 07 fev 2021.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.48.2002.tde-22102014-134348. Acesso em: 2020-06-17.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte”. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. 2006. Disponível em:

<https://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino-pos.0242-posensino/romanowski-j.-p.-ens-r.-t.-as-pesquisas-denominadas-do-tipo-201cestado-da-arte201d.-dialogos-educacionais-v.-6-n.-6-p.-37201350-2006/view>. Acesso em: 17 jun 2020.

RUSSO, Kelly; DINIZ, Edson. Políticas de ação afirmativa e o direito à educação: desafios de acesso e de permanência de estudantes indígenas no estado do Rio de Janeiro. *Periferia*. v. 7, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/issue/view/1225>. Acesso em: 08 jun 2020.

Russo, K., & Diniz, E. A. (2020). Trajetórias indígenas na universidade: O direito ao ensino superior no Rio de Janeiro. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(72). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7444061>. Acesso em: 08 jun 2020.

SANTOS, Augusto Ventura. Políticas afirmativas no ensino superior: estudo etnográfico de experiências indígenas em universidades do Mato Grosso do Sul (Terena e Kaiowa). 2015. Dissertação. Programa de Antropologia Social. -Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01032016-155738/pt-br.php>. Acesso em: 15 jun 2019.

SANTOS, Maria Santana Ferreira dos. Da aldeia à universidade: os estudantes indígenas no diálogo de saberes tradicional e científico na UFT. 2018. 169 f., il. Tese (Doutorado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_384390e6f53af574310b242cb81ef684. Acesso em: 05 jul 2020.

SANTOS, Milena dos; SILVA, Cícero da. Letramento Acadêmico e Desenvolvimento da Escrita por Alunos Indígenas em uma Licenciatura em Educação do Campo. *Revista ENTRELETRAS (Araguaína)*, v. 11, n. 2, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/9954>. Acesso em: 17 jan 2020.

SILVA, M. J. dos S.; MARQUES, E. P. de S. Os desafios e conquistas dos indígenas na educação superior em Mato Grosso do Sul. 2016. *Pedagogia em Foco* V. 11. N, 5. Disponível em: <http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/171>. Acesso em: 18 jun 2019.

SOARES, Lucas de Vasconcelos; COLARES, Maria Lilia Imbiriba; FERREIRA, Maria Antônia Vidal. Políticas Educacionais na Amazônia: a questão “indígena” no ensino superior. *Revista Teias* v. 21 • n. 61 • abril/junho 2020 • Sessão Temática Desafios da Educação na/da/para a Amazônia. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/49558>. Acesso em: 17 jan 2020.

SOUZA, A.C.G. Passou? Agora é luta!?: um estudo sobre ações afirmativas e a presença de jovens estudantes indígenas na Universidade Federal da Bahia. Salvador. UFBA: 2016. 265 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23561>. Acesso em: 18 jul 2019.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; IORIS Edwiges Marta; ALMEIDA José Nilton de; JESUS Suzana Cavalheiro de. A presença de estudantes indígenas na Universidade Federal de Santa Catarina: um panorama a partir do programa de ações afirmativas. *Revista de Ciências Sociais*. V. 3, n. 1. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/11226>. Acesso em: 15 mar 2019.

TERRA, R.B.M.R; DAVID, T. D.A função social do acesso ao ensino superior diante da sub-representatividade dos povos originários: uma análise acerca da política pública de cotas (Lei nº 12.711/2012) e da resistência indígena no Brasil.2016. Artigo. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/9561>. Acesso em: 22 ago 2019.

VASCONCELOS, D. H. F.O ensino superior e a educação inclusiva: questão indígena.2016. Artigo. *Boletim do Tempo Presente*. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/4586>. Acesso em: 17 jul 2019

ARTIGO 2 - AS ARTES DE FAZER DE ESTUDANTES INDÍGENAS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS E BIOLÓGICAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XIII ENPEC
Caldas Novas, Goiás – 2021

As Artes de Fazer de estudantes indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: um estudo exploratório

**The Arts of Doing of indigenous students of Agrarian and
Biological Sciences: an exploratory study**

Alessandra Falcão Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
falcaoalexa@hotmail.com

Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida

Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco
ccastelobranco@yahoo.com.br

Isabela Andrade de Lima Morais

Universidade Federal de Pernambuco
isabelamorais.ufpe@gmail.com

As Artes de Fazer de Estudantes Indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: Um Estudo Exploratório¹⁴

Alessandra Falcão Teixeira

Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS-Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1847191552597657>

E-mail: falcaoalexa@hotmail.com

Isabela Andrade de Lima Morais

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6479709721632696>

E-mail: isabelamorais.ufpe@gmail.com

Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida

Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6822335833269840>

E-mail: ccastelobranco@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar resultados de uma pesquisa, cujo objetivo foi verificar a adoção das “Artes de Fazer”, na concepção de Michel de Certeau, por estudantes indígenas de graduação quando da adaptação ao cotidiano acadêmico. Os trabalhos foram realizados com alunos e alunas dos cursos de Ciências Agrárias e Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Para tanto, utilizamos um estudo exploratório, bem como adotamos um pré-teste que validou nosso instrumento de coleta de dados. Os resultados indicam que os/as estudantes se reinventam como alternativa de adaptação ao espaço acadêmico e, também, revelam a necessidade de uma melhor compreensão das subjetividades que acontecem dia a dia no *campus*, para que se possa avaliar o processo educacional posto.

¹⁴ Artigo publicado nos Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), realizado no período de 27 de setembro a 1º de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/75982>.

Palavras chave: práticas cotidianas, universidade, processo educacional.

Abstract

This article presents the results of a research whose aim is to investigate the adoption of the “arts of doing”, as conceived by Michel de Certeau, by indigenous graduate students during their adaptation to the academic everyday. The subjects of the research were students of the courses of Agricultural and Biological Sciences of the Academic Unit of Serra Talhada (UAST), linked with the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). For this purpose, we used an exploratory study and adopted a pre-test which validated our tool of data collection. Results show that those students re-invent themselves as an alternative of adaptation to the academy and also reveal the need for a better understanding of the subjectivities that happen day by day on campus, so that the educational process can be evaluated.

Keywords: everyday practices, university, educational process.

-

- Introdução

-

- A luta indígena percorre um longo e árduo caminho desde o “descobrimento” da América, que conforme entendimento de Freire (2000), do qual compartilhamos, não se tratou de descoberta e sim de conquista predatória por parte do colonizador, que procurava riquezas para abastecer o Reino e justificou seus atos de violência e extermínio contra a população nativa, alegando, a partir de uma visão etnocêntrica, que se tratavam de serem inferiores (FLEURI, 2017).

A situação dos povos originários no transcorrer da conquista das terras brasileiras, não se encontra em pior estado, porque conseguiram que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 reconhecesse “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, houve um avanço na educação indígena com a promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e quanto à educação superior no âmbito federal, a Lei nº 12.711/12, oportunizou lhes o ingresso ao ensino superior nas instituições públicas federais. Todavia, a permanência desse grupo na academia costuma ser difícil seja devido a questões financeiras ou a questões culturais.

O presente artigo compõe parte de pesquisa de doutorado cujo objetivo é compreender, como acontece a adaptação desse grupo ao cotidiano acadêmico. Neste momento expomos pesquisa exploratória realizada com estudantes indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Este estudo diz respeito aos povos originários do Nordeste brasileiro, os quais conforme Oliveira(1998) receberam a denominação de “índios misturados”, em consequência de miscigenações que ocorreram da seguinte forma: a primeira mistura ocorrera com as Missões religiosas; a segunda surgido com o estímulo de casamentos interétnicos e a fixação de colonos brancos dentro dos limites dos antigos aldeamentos e a terceira ocorrera devido às mudanças trazidas pela Lei das Terras de 1850, que favoreceu a extinção dos aldeamentos e a incorporação dessas terras a novas vilas e cidades (OLIVEIRA, 1998, p. 57 e 58).

As práticas cotidianas na ótica de Michel de Certeau

O cotidiano pode revelar em suas entrelinhas praticas quase invisíveis, porém de grande simbologia para quem as está elaborando. Nesse sentido, foi concebida por um intelectual francês a ideia das “artes de fazer”, também chamadas de “operações dos usuários” ou “maneiras de fazer”:

- ...a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente. (CERTEAU, 2012, p. 43)

O pensamento acima foi concebido por Michel Jean Emmanuel de la Barge de Certeau, um jesuíta que estudou Filosofia, Antropologia e História. (GIARD, 2012) e que acreditava no poderio criativo do homem ordinário.

Certeau compreendia o cotidiano como:

(...) o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. (...) O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (...) É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (...) Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história irracional, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU, 2012, p. 31).

Para Bittencourt (2012) Certeau partia do princípio de que uma situação de controle não paralisa necessariamente a criatividade humana.

Nesse estudo, trabalharemos com a tática postulada por Certeau que a apresenta como sendo a arte do fraco, que aproveitando uma oportunidade, joga astuciosamente, calculadamente, sutilmente, no terreno do outro (do inimigo) sem que este o perceba, fazendo-o crer em uma pacífica obediência ao que se lhe impõe para consumo (Certeau, 2012).

Para Correia (2018) a tática pensada por Certeau se formaliza em atos de pouca elaboração e não possui um estilo dominador.

Compreende-se, nesse pensamento, que o homem ordinário, *in casu*, o/a estudante indígena, pode reinventar o seu cotidiano, quando necessário, sobrevivendo (opondo-se) silenciosamente às determinações, que lhes são conferidas (impostas) pelas instituições educacionais arraigadas de pensamentos coloniais, por meio de táticas. Além dessa inferência, Certeau (2012) defendia uma “metodologia” que também se importasse em conhecer as intervenções dos falantes em circunstâncias de tempo, lugar e competição.

Assim, Giard (2012) apresenta que o que mais interessava a Certeau “eram as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes.” (GIARD, 2012, p. 15). Com isso ele nos apresenta uma nova maneira de pesquisar o cotidiano escolar na qual se deva levar em consideração as subjetividades elaboradas dia após dia e que nos leva a escolher se a escola é um espaçotempo de invenção de vida ou de repetição e morte (Feijó & outros, 2011).

Para Josgrilberg (2008), a importância de se aprender com Certeau está na necessidade de alimentar a produção de novos saberes que, por vezes, são silenciados pelas diversas relações de poder (JOSGRILBERG, 2008, p. 104).

Ferraço et al. (2017) discorre que, levando em consideração os desafios culturais, Certeau defendia um ensino no qual não tivesse por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, para que se ajustasse à heterogeneidade dos estudantes e professores.

Nesse aspecto, Silva & Schuchter (2019) demonstram a importância que deve ser dada às táticas e artimanhas presentes no cotidiano, pois revelam como os usuários organizam um novo espaço, criando e inventando os espaçotempos escolares e, ainda, problematizam: “Como professores e alunos lidam com as diferenças culturais nos cotidianos escolares? Que práticas discursivas e saberes religiosos são produzidos cotidianamente por professores e alunos?” (SILVA & SCHUCHTER, 2019, p. 64).

Silva & Schuchter (2019) defendem a ideia de um entrelugar onde estudantes e professores expressassem suas ideias, seus significados, suas dúvidas, seus medos, seus anseios, suas crenças e suas culturas, o qual permitiria “o diálogo tão necessário entre as culturas”(SILVA & SCHUCHTER, 2019, p. 64).

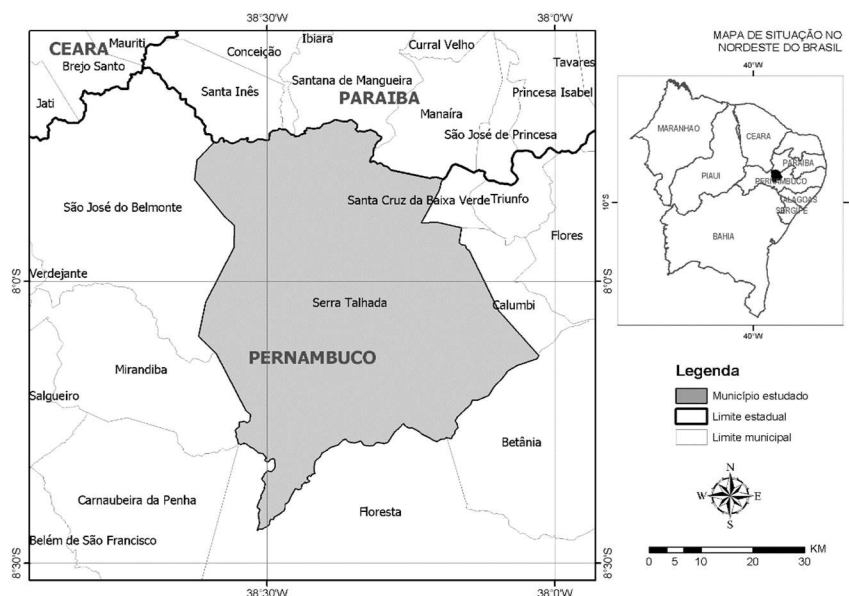
Baseando-se nessa linha de raciocínio, acreditamos que conhecer o cotidiano acadêmico de forma mais subjetiva, mais próxima da realidade indígena, pode favorecer a construção de um espaço acadêmico menos eurocêntrico.

Metodologia

Esta pesquisa baseou-se num estudo exploratório, que nos ajudou a conhecer melhor o ambiente de estudo: a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) vinculada a Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE) e a população a ser pesquisada, bem como nos ajudou a realização de um pré-teste que validou nosso instrumento de coleta de dados.

A UAST, como é conhecida, foi fundada em 23 de agosto de 2006 e fez parte do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O Município de Serra Talhada (Figura 1) está localizado no Sertão do Pajeú e dista 413 km da capital pernambucana.

Figura 1. Localização do município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco.



Com o uso dessa metodologia, conhecemos melhor o campo de estudo e a população a ser estudada e foi possível com a elaboração do pré-teste, descobrir que o primeiro instrumento de coleta de dados empregado, a entrevista, não deixava o /a estudante à vontade para contribuir com a pesquisa, o que nos fez optar pelo questionário.

Antes da realização dos trabalhos de campo, para termos uma noção da população a ser estudada, coletamos informações acerca dos/das estudantes indígenas da UAST/UFRPE junto à Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (PROGESTI) da UFRPE.

As informações colhidas na PROGESTI nos mostraram que existiam indígenas matriculados na UAST, fato esse que confirmou o que sabíamos de maneira informal até a ocasião do levantamento.

Nesse sentido, Santana (2017) apresenta:

É importante endossar que, apesar da UFRPE-UAST não possuir políticas de cotas específicas para povos indígenas, ainda assim, dada a sua localização geográfica privilegiada, é corriqueiro encontrar estudantes indígenas em sala de aula, notadamente, Kambiwá, Pankará, Atikum e Truká. (SANTANA, 2017, p.121).

Foram realizadas 4 visitas de campo no período compreendido entre julho de 2018 a novembro de 2019, nas quais entrevistamos 2 estudantes de Ciências Biológicas e aplicamos questionários a 4 estudantes das Ciências Agrárias. Na tabela abaixo tem-se os dados gerais do grupo estudado.

Tabela 1 - Dados gerais dos(as) participantes.

Estudante	Idade	Curso	Período	Etnia
EA	21	Ciências Biológicas	3º	Xucuru de Cimbres / Ororubá
EB	19	Ciências Biológicas	3º	Xucuru de Ororubá
EC	18	Agronomia	2º	Xucuru de Ororubá
ED	20	Agronomia	3º	Atikum Rodelas
EE	Não informou	Ciências Biológicas	7º	Não informou
EF	Não informou	Zootecnia	3º	Não informou

Fonte: A Autora (2019)

Os/as participantes dos trabalhos assinaram o termo de consentimento concordando com nosso estudo e para preservar as identidades utilizamos letras para designá-los/as.

Por fim, partindo do princípio de que os/as estudantes tiveram dificuldades em sua experiência inicial na universidade, haja vista o pensamento colonial arraigado, buscamos, na aplicação da coleta dos dados, identificar duas situações: se os estudantes utilizavam as “Artes de fazer” e se os meios empregados: entrevistas e questionários, poderiam identificá-las.

Resultados e discussões

Os estudantes são nesse trabalho o que Certeau entendia como sendo o “Outro”. Ferrazo et al (2017) nos apresenta que o Outro assume diferentes configurações nos escritos de Certeau podendo ser o que se esquivava, o casual, o súbito, o abandonado o estrangeiro, o que já veio e que ainda está por vir.

Pudemos observar na entrevista com EA que apesar da dificuldade financeira e da falta de uma maior deferência à população de estudantes indígenas por parte da comunidade acadêmica, que se manteve otimista com o fato de estar na universidade.

Nesse sentido, Giard (2012) apresenta que, para Certeau “são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro, de sorte que nenhuma situação lhe parece *a priori* fixa ou desesperadora”. (Giard, 2012, p. 17)

Na superação das dificuldades EA narrou que a ausência de conhecimento acerca das questões indígenas, prescinde sua chegada à Universidade e que a partir do momento em que sua cultura é demonstrada por meio dos artesanatos, das expressões culturais como o Toré, as pessoas passam a adquirir o conhecimento faltoso. Portanto, falar de sua cultura passa a ser uma tática que permite enfrentar sentimentos negativos.

Já EB relatou, que para se fortalecer em determinadas situações, associa-se a uma parente de sala de aula, buscando a identificação cultural para superar as dificuldades. Nesse sentido, exemplificou que numa apresentação, em sala de aula, acerca de beberagens e fermentados, apresentaram as beberagens indígenas: cauim e caissuma.

Quanto à escolha do curso percebemos em EC, ED e EE a influência do campo e da natureza por estarem presentes em suas vidas.

Para Certeau (2012), a tática aproveita os momentos e as expectativas oferecidas num dado período e é o que extraímos das narrativas apresentadas acima pelos/as participantes,

Ferraço et al (2017) discorre que, levando em consideração os desafios culturais, Certeau defendia um ensino no qual não tivesse por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, para que se ajustasse à heterogeneidade dos estudantes e professores.

Considerações finais

A partir de nossos resultados, verificamos que diante das dificuldades os/as estudantes reinventam-se e mesmo sem saber, utilizam as táticas certeunianas, que os/as ajudam a consumir o que lhe é oferecido da melhor forma possível, o que neste contexto seria um sistema educacional pensado e construído para uma população não multirracial. Assim, compreendemos que o espaço universitário necessita libertar-se de padrões eurocêntricos enrustidos, que não se comunicam com a herança cultural recebida por nossa sociedade.

Nesse aspecto, perceber o cotidiano com as subjetividades dos praticantes permite analisar as relações existentes na universidade revelando a importância de uma melhor compreensão do dia a dia no *campus*, para que se possa avaliar e interferir no processo educacional posto.

A importância deste trabalho está em contribuir com o estudo da temática indígena nordestina na universidade, que já se mostrou precária, e, ainda, com base nas práticas cotidianas de Michel de Certeau oferecer uma outra maneira de se olhar e pensar o cotidiano num ambiente universitário.

-

- Referências

-

BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Michel de Certeau 25 Anos Depois: Atualidade de Suas Contribuições para um Olhar Sobre a Criatividade dos Consumidores. **Polêmica**, v. 11, n. 2. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/rt/printFriendly/3091/2210>. Acesso em: 22 mai 19.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 14 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 maio 20.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 20 maio 19.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** 19 ed. Trad. ALVES, E. F. Petrópolis: Vozes, 2012.

CORREIA, Eanes dos Santos; SILVA, Veleida Anahi da; NASCIMENTO, Willdson Robson Silva do. O que fazer com o que a escola faz com meu corpo. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n.50, p. 115-139, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14733>. Acesso em: 13 jun. 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y Saberes**. Nº 43. Universidade Pedagógica Nacional Facultad de Educacion, p. 7-17, 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Revista de Educação Pública.** Aprender com os povos indígenas. Cuiabá, v. 26, número 62/1, mai/ago 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>. Acesso em: 18 /jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, p. 63, 2000. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23 mai 2019.

GIARD, Luce. **História de uma pesquisa**. IN: CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JOSGRILBERG, Fábio. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de Sentidos na Educação. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - v. 18, n.30, jan.-jun.-2008, p.95-105. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237481782_Michel_de_Certeau_e_o_Amirabile_Commercium_de_Sentidos_na_Educacao. Acesso em: 04 fev 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**. vol.4, n.1. Rio de Janeiro. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100003. Acesso em: 13 mar 2020.

SANTANA, P. Práxis Antirracista, Descolonização das Mentes e a Questão Indígena em uma Instituição Federal de Ensino Superior do Sertão Pernambucano. **Revista Antropológicas**. p. 112-140, 2017.

SILVA, Sandra. Kretli da., SCHUCHTER, Teresinha Maria. A escola como território de circulação das diferenças: práticas e saberes religiosos em pauta. **Momento - Diálogos em Educação**, Rio Grande/RS. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8759>. Acesso em: 17/08/2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

A partir dos resultados alcançados nesta pesquisa apresentamos a (re)invenção dos povos originários, sobretudo o nordestino, enquanto protagonistas de suas histórias no espaço acadêmico sobrevivendo num meio político-educacional preconceituoso e árduo na busca de uma melhor qualidade de vida para si e sua coletividade. Este estudo surgiu de uma curiosidade acerca de como indígenas universitários recebiam o processo educacional ofertado no ensino superior tendo em vista que fora criado para atender aos interesses da classe dominante. A pesquisa ocorreu entre os anos de 2018 e 2022 período conturbadíssimo da história brasileira ora pela necropolítica vivenciada ora pela pandemia de Covid-19 que assombrou o mundo.

Iniciamos o estudo com a convicção de que esses povos têm dificuldades no dia a dia da Academia assim como na sociedade de um modo geral e procuramos compreender o cotidiano que vivenciavam, escolhendo a ótica apresentada por Michael de Certeau, pois já tínhamos trabalhado com esta propositura no mestrado. Nesta perspectiva, procuramos conhecer práticas adotadas pelos estudantes no dia a dia do campus; verificar se a cultura materna influenciava nas práticas adotadas no campus e identificar “Artes de Fazer”, “táticas” ou “estratégias” na ótica certeuniana.

Em se tratando de um tema que envolve respeito, dignidade e altruísmo buscamos, também, em Paulo Freire aporte para compreender como acontecia o cotidiano desses povos e como faziam para conviver com os não indígenas. No início da pesquisa acreditávamos que se adaptavam ao cotidiano universitário, entretanto, no desenvolvimento do estudo verificamos que o/a indígena não se adapta ao processo, pois compreendemos que se trata de uma integração resultante da capacidade deles/as de se ajustarem “à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade” (FREIRE, 2011, p. 58).

Outrossim, no intuito de esclarecer ao leitor o porquê da necessidade da (re)invenção buscamos na fala de personalidades indígenas, tais como: Ailton Krenac, Graça Graúna e Eliane Potiguara esclarecer o que de fato aconteceu com a chegada dos invasores portugueses ao Brasil.

Com os resultados coletados, compreendemos que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, bem como que a metodologia empregada foi adequada e suficiente.

Dessa forma, pudemos identificar práticas utilizadas pelo grupo em algumas situações que permitiram continuassem otimistas mesmo existindo escassez de recursos financeiros, saudade da família, falta de respeito pela história indígena. Nesse sentido, Giard (2012) apresenta que, para Certeau, “são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro, de sorte que nenhuma situação lhe parece *a priori* fixa ou desesperadora” (GIARD, 2012, p. 17).

Em outra ocasião, constatamos que um indígena estudante superou um momento negativo no campus a partir de sua percepção de que a ausência de conhecimento de universitários não-indígenas acerca das questões indígenas precede a chegada dessas pessoas à Universidade, restando-lhe claro que a partir do momento em que sua cultura é demonstrada por meio de suas artes e das expressões culturais as pessoas passam a ter contato com o conhecimento faltoso. Percebemos, pois que demonstrar a cultura era uma tática que o permitiu enfrentar sentimentos negativos. Essa reflexão também nos mostra uma atitude crítica dos indígenas que, para Freire (2011), é traduzida como vocação natural de integrar-se e da superação do simples ajustamento ou acomodação.

Num outro momento, adotou-se como tática o exercício da indianidade para desmistificar o estereótipo de indígena comumente figurado. Para Certeau (2012), a tática aproveita os momentos e as expectativas oferecidas num dado período. Verificamos, ainda, que para se fortalecer em determinadas situações, uma indígena associou-se a uma parenta buscando identificação cultural para superar as dificuldades.

Pelo exposto, consideramos que a nossa hipótese foi confirmada, pois por meio de práticas cotidianas, os/as indígenas universitários/as podem “jogar/desfazer o jogo do outro” (CERTEAU, 2012, p. 74). Ao mesmo tempo em que estimulam uma crítica consciente da situação que vivenciam, ajustam-se à realidade e a transformam. Nesse sentido, Freire (2011, p. 58) nos ensina que a “integração humana resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade”. Por fim, compreendemos que os povos originários na medida em que utilizam as “Artes de fazer”, integram-se ao ambiente universitário de forma crítica exercendo a sua capacidade de decidir.

Acreditamos que novos estudos acerca do cotidiano dos povos originários no ensino superior são necessários, sobretudo para criação e implementação de políticas públicas que possam contribuir para desconstrução do imaginário colonial enraizado, o qual impede/dificulta a participação democrática dos povos tradicionais na sociedade.

REFERÊNCIAS

AILTON Krenak: um professor formado na luta. **Carta Capital**, [s. l.], 3 mar. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-um-professor-formado-na-luta/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ALVES, Nilda. OLIVEIRA, Inês Barbosa. CERTEAU e as artes de fazer – pensando o cotidiano da escola. In: Reunião Anual da ANPED, 21., 1998. **Minicurso**. Caxambu: ANPED, 1998. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Curr%C3%ADculo/Certeau%20e%20as%20artes%20de%20fazer%20%20pensando%20o%20cotidiano%20da%20escola.htm>. Acesso em: 15 jan 2019.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2013.v22.n40.p95-103>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed (3. reimpr). São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BORGES, Carline Santos et al. As pesquisas em educação e os cotidianos com Michel de Certeau. **Pró-Discente**, v. 22, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/14930>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 maio 2020.

BRASIL, **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 20 maio 2019.

CALADO, Inês; MELO, Julliana de. A Retomada Indígena. Reportagem especial multimídia. **Jornal do Comércio**. Disponível em: <http://acervo.ne10.uol.com.br/sites/indios/historia0.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 - Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CORREIA, Claudia. Educação Escolar Indígena na Bahia: desafios no contexto da pandemia. **Muita Informação**, [s. l.], 30 abr. 2021. Disponível em: <https://muitainformacao.com.br/post/32408--educacao-escolar-indigena-na-bahia--desafios-no-contexto-da-pandemia>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21057/repamv%vn%i.%Y.26104>. Acesso em: 21 maio 2020.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/rde.v7i22.4177>. Acesso em: 20 fev. 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Maria Regina Lopes; PIONTKOVSKY, Danielle. **Currículos e suas relações com processos de educacionais e de ensino: a potência das políticas produzidas nas redes tecidas com os cotidianos escolares**. [2012]. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/35RA/trabalhos/TE-Anped2012-potencia_das_politicas.pdf. Acesso em: 17 mar. 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y saberes**, Bogotá, n. 46, p. 7-17, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-24942017000100002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 ago. 2022.

FLEURI, Reinaldo Matias. Alteridade e Diálogo em Paulo Freire. [Entrevista concedida a] José Anchieta de Oliveira Bentes e Huber Kline Guedes Lobato. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 248-270, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48449>. Acesso em: 11 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Quem são**. Brasília, 12 nov. 2013 [atualizado em 11 nov. 2020]. Disponível em:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAÚNA, Graça. **Tear da Palavra**. Belo Horizonte: S. n., 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=264529>. Acesso em: 15 ago. 2022.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de sentidos na educação. **Educação: Teoria e prática**, v. 18, n. 30, p. 95-95, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1405>. Acesso em: 04 fev. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Uma visita inesperada. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli (Orgs.). **Povos Indígenas e Tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: Edusp, 2001.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yusef. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

LIMA, Tarsila de Andrade Ribeiro. Entrevista com Graça Graúna, escritora indígena e professora da Universidade de Pernambuco. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 14, n. 20, p. 136-149, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35069/24771>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MIRANDA, Karla Corrêa Lima; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 631-635, 2004. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/c4a9/9e90187df57e062a66c42a9c92b620f4357d.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. .4, n. 1, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100003>. Acesso em: 13 mar. 2020.

POTIGUARA, Eliane. **A Terra é a Mãe do Índio**. Rio de Janeiro: Grumin, 1989.

POVOS Indígenas de Pernambuco. Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Etnicidade, UFPE, [c2022]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SANTANA, Paula. Práxis antirracista, descolonização das mentes e a questão indígena em uma Instituição Federal de Ensino Superior do Sertão pernambucano. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 28, n. 2, p. 112-140, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51359/2525-5223.2017.236288>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SILVA, Edson. Povos indígenas no Sertão: uma história de esbulhos das terras, conflitos e de mobilização por seus direitos. **Portal do São Francisco, Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF**, Belém do São Francisco, ano 6, n. 6, p. 107-126, 2011.

SILVA, Sandra. Kretli da, SCHUCHTER, Teresinha Maria. A escola como território de circulação das diferenças: práticas e saberes religiosos em pauta. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 28, n. 1, p. 57-76, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/momento.v28i1.8759>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SILVA, Vanessa Mirele da; VERGOLINO, Eduardo Barbosa. Os preconceitos vivenciados pelos alunos indígenas nas universidades. **Revista Ouricuri**, v. 10, n. 1, p. 31-35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/ouricuri.10.1-4>. Acesso em: 20 jul. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.

APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada nesta Unidade Acadêmica cujo objetivo é investigar como estudantes indígenas se apropriam do processo educacional no campus, bem como se adaptam à cultura acadêmica.

Sua colaboração far-se-á por meio de entrevista, questionários ou relatos. O acesso e análise dos dados coletados serão realizados apenas pela pesquisadora e orientadoras e poderão ser divulgados em eventos e publicações. Você tem a liberdade de se recusar a participar da pesquisa podendo se retirar a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer qualquer sanção ou constrangimento.

Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais e serão utilizados na pesquisa “Uma Análise Certeuniana do cotidiano de estudantes indígenas da Universidade Federal Rural de Pernambuco”, realizada pela doutoranda Alessandra Falcão Teixeira, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Dra. Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida e sob a coorientação da professora Dra. Isabela Andrade de Lima Morais.

Existindo qualquer dúvida no decorrer da pesquisa o participante poderá entrar em contato com a Comissão de Ética e Pesquisa da UFRGS através do telefone (51) 33088-3738, ou Av. Paulo da Gama, 110 – sala 317, prédio anexo – Campus Centro (email – etica@propesq.ufrgs.br).

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e nenhuns dos procedimentos oferecem risco a sua dignidade conforme a Resolução 466/12 do Conselho de Ética da Pesquisa.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto ou nenhum tipo de despesa, nem pagamento por sua participação nesta pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participação nessa pesquisa. Preencher, por favor, os itens que se seguem:

Não restando qualquer dúvida a respeito do explicado, **firmo CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.**

Participante: _____

Pesquisadora: _____

Data: _____

APÊNDICE B – MODELO DE PESQUISA APLICADA EM CAMPO**PESQUISA**

Nome: _____ Etnia: _____
Aldeia: _____ Idade: _____
Unidade Acadêmica: _____ Curso: _____

Fale-me um pouco sobre você!

- Você é um indígena por parte de pai e mãe?

Sim Não

- Qual a escolaridade de seus pais?

Nível Fundamental Nível Médio Nível Superior

- Como foram seus estudos?

- Você estudou na Aldeia?

Sim Não

- Teve alguma dificuldade no Ensino Fundamental?

Sim Não

- E no Ensino Médio?

Sim Não

Caso tenha tido alguma dificuldade, pode nos contar?

- Você entrou na Universidade na primeira vez que tentou?

Sim Não

- Por que escolheu fazer um curso superior? Qual a razão de ter escolhido esta graduação?

- Qual a importância desse curso na sua vida?

- Como foi o teu primeiro período na Universidade?

- Como é o teu cotidiano na universidade?

Obrigada!

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Como foi o ingresso no ensino médio?
- Qual sua etnia?
- Você é um indígena aldeado?
- Qual o local de sua aldeia?
- Como está sendo teu ingresso na graduação?
- Aqui na UAST qual foi tua dificuldade ou qual está sendo?
- Como você faz par superar as dificuldades?
- Tem alguma coisa que você gostaria de falar?
- Qual a relação com os colegas em sala de aula?

APÊNDICE D – MODELO DA 1ª PESQUISA ON-LINE

Uma análise certeuniana do cotidiano dos estudantes indígenas de instituições de ensino superior.

Convidamos o senhor(a) a participar da pesquisa de doutorado da aluna Alessandra Falcão Teixeira do Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Professora Dra. Cecilia de Fatima Castelo Branco Rangel de Almeida e Co-orientada pela Professora Dra. Isabela Andrade de Lima Morais.

Esta pesquisa tem a finalidade de investigar as práticas diárias exercidas pelos estudantes indígenas, verificando como se apropriam do processo educacional das Instituições de Ensino Superior, bem como se adaptam a cultura acadêmica.

Sua colaboração far-se-á por meio desse questionário. O acesso e análise dos dados coletados far-se-ão apenas pela pesquisadora e orientadora e que os dados poderão ser divulgados em eventos e publicações. Você tem a liberdade de se recusar a participar da pesquisa podendo se retirar a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer qualquer sanção ou constrangimento.

Sobre a entrevista serão perguntas simples e todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Com relação aos relatos, fica o(a) participante livre para produzir o que achar conveniente quanto às experiências iniciais no campus a partir do ingresso na IES.

Existindo qualquer dúvida no decorrer da pesquisa, poderá entrar em contato com a doutoranda por meio do número (81) 99260-5701. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e nenhuns dos procedimentos oferecem risco a sua dignidade conforme a Resolução 466/12 do Conselho de Ética da Pesquisa.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto ou nenhum tipo de despesa, nem pagamento por sua participação nesta pesquisa.
alessatex@gmail.com

***Obrigatório**

E-mail *

Nome *

Gênero *

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

Etnia *

Aldeia *

Município da Aldeia *

Instituição de Ensino Superior matriculado(a) ou que concluiu: *

Curso *

Período *

Caso já concluiu o curso, informe o ano de conclusão:

Você é um Índio(a) aldeiado(a)? *

Sim ()

Não ()

Por que escolheu fazer um curso superior? *

Desenvolvimento intelectual ()

Retorno financeiro ()

Ajudar a aldeia ()

Todas as alternativas ()

Como você definiria sua experiência na graduação? *

Positiva ()

Negativa ()

Qual a razão de ter escolhido esta graduação? *

Importância do curso para a vida na Aldeia ()

Identificação com o curso ()

Vivência da área da graduação ()

Todas as alternativas ()

Como você definiria o ingresso na universidade? *

Fácil ()

Difícil ()

Ao ingressar na universidade você se apresentou como Índio? *

Sim ()

Não ()

Quais as ações de acompanhamento e promoção da permanência que você gostaria que a universidade oferecesse? *

Espaço de acolhimento ()

Seminário de iniciação acadêmica ()

Encontro multicultural ()

Programa de apoio pedagógico ()

Nenhuma das alternativas ()

Ao ingressar na universidade foi dificuldade para você? *

Horário das aulas ()

Trabalhos em grupo ()

Relação institucional ()

Estrutura acadêmica ()

Nenhuma das alternativas ()

Quais as situações que você se deparou/depara no dia a dia acadêmico? *

Preconceito da comunidade acadêmica ()

Ausência de compreensão e de respeito aos costumes e rituais de sua etnia ()

Problemas na aprendizagem de disciplinas que envolve a língua estrangeira ()

Falta de transporte da Aldeia para universidade ()

Nenhuma das alternativas ()

Quais as formas que você utilizou/utiliza para se adaptar ao cotidiano acadêmico?*

Compartilha cultura e costumes como forma de fortalecimento étnico ()

Busca apoio dentro do seu grupo social ()

Procura o serviço psicopedagógico da universidade quando tem dificuldades ()

Oferta de apoio pelos membros da aldeia ()

Nenhuma das alternativas ()

Havendo a necessidade para aquisição de novas informações as pesquisadoras poderão entrar novamente em contato? *

Sim ()

Não ()

Se sim, inclua o seu número de celular com DDD para contato:

Declaro para os devidos fins o meu consentimento na participação desta pesquisa e autorizo que a doutoranda Alessandra Falcão Teixeira no Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a sua orientadora Prof^a Dr^a Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida e Co-orientadora Isabela Andrade de Lima Morais a utilizarem as informações por mim disponibilizadas para a produção de dados científicos. * *

Sim ()

Não ()

APÊNDICE E – MODELO DA 2ª PESQUISA ON-LINE**Uma cosmovisão das Ciências Biológicas e o cotidiano na sala de aula**

Prezado(a) Estudante,

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa cuja finalidade é conhecer como acadêmicos/as percebem o curso de Ciências Biológicas e como utilizam os conhecimentos adquiridos em sala de aula em seu cotidiano. Esta é uma pesquisa científica vinculada ao Programa de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A sua participação é muito importante para o conhecimento da percepção das Ciências Biológicas. Você pode interromper a pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma desvantagem para você. Ressaltamos que é voluntária sua participação. Além disso, seus dados em nossa pesquisa serão protegidos por lei conforme preconiza o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Os dados pessoais serão coletados de forma anônima, utilizados apenas para este fim e não serão repassados a terceiros.

Agradeço desde já sua participação.
Estou disponível para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente, Alessandra Falcão Teixeira

alessatex@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)

Você tem interesse em participar dessa pesquisa? *

Sim ()

Não ()

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Esta pesquisa será realizada por meio de questionário eletrônico estruturado e o tempo estimado para preenchimento do formulário eletrônico é de 15 minutos.

Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Com relação aos relatos, fica o(a) participante livre para produzir o que achar conveniente quanto às experiências iniciais no campus a partir do ingresso na IES.

Sua participação é voluntária, se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade para fazê-lo. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. A sua participação nessa pesquisa não lhe trará custos, pois todas as despesas com a pesquisa são de responsabilidade das pesquisadoras, assim como não lhe dará vantagem financeira.

Os dados pessoais serão coletados de forma anônima, utilizados apenas para este fim e não serão repassados a terceiros.

Em caso de dúvida quanto ao estudo, entre em contato com o Programa de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Rua Ramiro Barcelos, 2600-Prédio Anexo - Santa Cecília, Porto Alegre - RS,90035-003; email: educacaociencias@ufrgs.br).

Informamos que se for do seu interesse poderá receber informações sobre os resultados da pesquisa, a qualquer momento por contato via WhatsApp com as pesquisadoras conforme telefones e e-mail informados abaixo. As pesquisadoras se comprometem em divulgar os resultados de forma acessível à população com o propósito de produzir conhecimento e aumentar o alcance da sociedade pela ciência.

O estudo em foco está em conformidade com os preceitos éticos do anonimato, da participação voluntária, da ciência dos objetivos da pesquisa, dos cuidados com a integridade física, psicológica e social dos participantes, de acordo com as determinações da Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e em conformidade com a Resolução CNS Nº 510 de 2016, sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

Forma de contato com as pesquisadoras: Alessandra Falcão Teixeira; (81) 99260-5701; email: falcaoalessa@hotmail.com; Dra. Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida ; (81) 99670-3641;email: ccastelobranco@yahoo.com.br e Dra. Isabela Andrade de Lima Moraes; (81) 99735-0735; email: isamorais@hotmail.com.

ATENÇÃO: Assim que você clicar na caixa de marcação abaixo, uma via desse documento em arquivo digital, no formato PDF e assinada pelo pesquisador principal, poderá ser acessada em um link específico para download. É de fundamental importância que você guarde uma cópia desse documento em seus arquivos.

Nome Completo *

E-mail para contato *

Aceite do Termo de Consentimento Livre Esclarecido: *

Após ler o TCLE eu aceito participar da pesquisa. ()

Após ler o TCLE eu não aceito participar da pesquisa. ()

Para continuar respondendo o questionário precisamos que você declare a informação abaixo: *

Declaro para fins dessa pesquisa que sou maior de 18 anos.

Alguns questionamentos sobre seus dados sociodemográficos

1. Qual a sua idade? *

18 - 20 anos

21 - 29 anos

31 - 39 anos

41 - 49 anos
51 - 59 anos
61 ou mais

2. Qual a sua identidade de gênero? *

Mulher
Homem
LGBTQIA+

3. Qual o seu estado civil? *

Solteiro(a)
Casado(a)
União estável
Outro:

4. Tem filhos? *

Sim
Não

5. Qual o grau de escolaridade da sua mãe? *

Analfabeta
1º grau incompleto ou completo
2º grau incompleto ou completo
Superior incompleto ou completo

6. Qual o grau de escolaridade do seu pai?

Analfabeto
1º grau incompleto ou completo
2º grau incompleto ou completo
Superior incompleto ou completo

7. Qual a instituição de Ensino Superior matriculado(a) ou que concluiu? *

8. Qual o curso que você está matriculado(a) ou que concluiu? *

9. Qual o período que você está cursando? *

1º ou 2º período
3º ou 4º período
5º ou 6º período
7º ou 8º período
Concluiu o curso

10. Qual a sua etnia? (Responder apenas os/as Universitários/as indígenas)

11. Qual a sua aldeia? (Responder apenas os/as Universitários/as indígenas)

12. Você é um/a indígena aldeado/a? (Responder apenas os/as Universitários/as indígenas)

Sim

Não

Levando em consideração o seu cotidiano, crenças e costumes gostaríamos que você respondesse as questões abaixo

1. O curso de Ciências Biológicas foi sua primeira opção? *

Sim

Não

2. Qual área da Ciências Biológicas que mais te interessa? *

Botânica

Zoologia

Ecologia

Genética

Biologia Celular

Bioquímica

Ensino de Biologia

Evolução

3. Quais as suas perspectivas ao concluir o curso de Ciências Biológicas? *

4. Você acredita que as Ciências Biológicas podem influenciar a sua relação com meio ambiente? Exemplifique. *

5. Atualmente, o meio ambiente está em evidência. Os alimentos orgânicos estão “na moda”, a reciclagem do lixo já mostrou sua importância. Com relação a esses aspectos, a natureza sempre teve importância para você ou o curso de Ciências Biológicas te fez refletir sobre a relevância da conservação da natureza? *

Sempre percebi a natureza como uma extensão da minha casa procurando respeitá-la e protegê-la.()

O curso me fez refletir sobre a importância da conservação da natureza. ()

6. A sustentabilidade sempre esteve presente em sua vida ou os conhecimentos adquiridos no curso te mostraram a relevância do tema? *

Sempre esteve presente em minha vida.()

Passei a compreender a importância da sustentabilidade com o curso.()

7. Quais as contribuições que o curso de Ciências Biológicas te trouxe sobre a Agroecologia? Exemplifique. *

8. Você reconhece que está havendo diminuição ou até mesmo a extinção da fauna e da flora da Caatinga? *

Sim ()

Não ()

9. Quais os conhecimentos sobre as Ciências Biológicas são parte da sua construção diária de vida, sendo obtido tanto por observações como por vivência? *

Nascer do sol ()

Aquecimento gradual ao longo do dia ()

Comportamento animal ()

Diversidade das plantas ()

Movimento das águas ()

Todos os itens ()

10. Você entende que o saber científico é diferente do saber tradicional no espaço da sala de aula na universidade? Por que? *

11. Você se sente pertencente ao espaço da sala de aula da universidade? Em caso negativo responda abaixo. *

Sim ()

Não ()

12. Por que você não se sente incluído no espaço da sala de aula da universidade?

APÊNDICE F – FOTOS

Imagem I – Vista parcial do campus da UAST/UFRPE.



Fonte: a autora (2018).

Imagem II – Paineis na entrada do prédio de salas de aulas da UAST.



Fonte: a autora (2018).

Imagem III – Apresentação de Toré na UAST- II Mostra de Cinema Indígena.



Fonte: a autora (2019).

Imagem IV – CESVASF.



Fonte: a autora.

Imagem V – Campus Belém, CESVASF.



Fonte: CEVASF.

ANEXO A – PARECER DA COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃOUNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SULFUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDEUNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA MARIAUNIVERSIDADE FEDERAL
DO PAMPA**PARECER**

O projeto de pesquisa intitulado "UMA ANÁLISE CERTEUNIANA DO COTIDIANO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DOS CURSOS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA/UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO" da aluna Alessandra Falcão Teixeira do PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, sob a orientação da Profa. Dra. Cecília Castelo Branco, vinculada ao referido PPG desta Universidade, é apresentado para a apreciação da Comissão de Pós-Graduação desse PPG.

Trata-se de pesquisa cujo objetivo principal é compreender como os estudantes indígenas recebem o modelo educacional universitário. Pretende, ainda, conhecer as práticas adotadas pelos estudantes no dia a dia, bem como verificar se a cultura materna influencia nas práticas adotadas no campus. A metodologia está fundamentada em pesquisa qualitativa proposta em duas fases: a primeira de cunho exploratório e a segunda conclusiva. Serão utilizadas entrevistas com o público alvo e a técnica de observação não-participante. Os dados coletados serão avaliados por meio da análise de conteúdo em Bardin. Os referenciais teóricos estão de acordo com o propósito do trabalho. O cronograma apresentado está adequado e demonstra que o mesmo é de possível execução.

Sendo assim, somos de parecer favorável e aprovamos o presente projeto de pesquisa para doutorado acadêmico em nosso PPG.

Relator: Edson Luiz Lindner

Porto Alegre, 20 de junho de 2018.

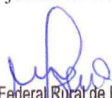

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA UFRPE



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Autorizamos Alessandra Falcão Teixeira, CPF 832.799.894-34, aluna regular do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ingresso em 2018.1, a qual vem desenvolvendo a pesquisa intitulada “**Uma Análise Certeaniana do cotidiano dos estudantes indígenas dos cursos das Ciências Agrárias da Unidade Acadêmica de Serra Talhada/Universidade Federal Rural de Pernambuco**”, a realizar pesquisa documental, questionário e entrevista com consentimento prévio dos sujeitos envolvidos com a referida pesquisa, no âmbito da Universidade Federal Rural de Pernambuco, da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, do Departamento de Registro e Controle Acadêmico e demais setores que sejam necessários para levantamento e obtenção de dados para conclusão de sua pesquisa.

Recife, 18 de junho de 2018.


 Univ. Federal Rural de PE
Prof. Dr.^a Maria José de Sena
Reitora



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA
DA VIDA E SAÚDE

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

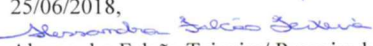
Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “UMA ANÁLISE CERTEUNIANA DO COTIDIANO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DOS CURSOS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA/UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO”, que tem como objetivo principal compreender como os estudantes indígenas recebem o modelo educacional universitário, pretendendo, também, conhecer as práticas adotadas pelos estudantes no dia a dia, bem como verificar se a cultura materna influencia as práticas adotadas no campus.

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nessa Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e esclarecido para cada participante.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Este projeto foi aprovado pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, nível Doutorado, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer anexo). Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de Ética na pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora e após 5 anos será destruído.

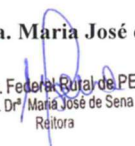
Agradecemos a colaboração desta Instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a servidora desta Universidade Federal Rural de Pernambuco e aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Alessandra Falcão Teixeira, sob a orientação da professora da UFRGS Dra. Cecília de Fátima C.B.R. de Andrade.

25/06/2018,


Alessandra Falcão Teixeira/ Pesquisadora (UFRPE/UFRGS)

Concordamos que os alunos, que estudam na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, participem do presente estudo.

Magnífica Reitora Professora Dra. Maria José de Sena


Univ. Federal Rural de PE
Prof. Dr. Maria José de Sena
Reitora
UFRPE

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO CESVASF



Autarquia Belemita de Cultura, Desportos e Educação
Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco

Licenciatura em Letras – Reconhecido Portaria Ministerial N° 50 DE 15-01-91, PUB. NO D.O.U. N° 12, EM 17-01-91
Licenciatura em História – Reconhecido Portaria Ministerial N° 50 DE 15-01-91, PUB. NO D.O.U. N° 12, EM 17-01-91
Licenciatura em Geografia – Reconhecido Portaria Ministerial N° 50 DE 15-01-91, PUB. NO D.O.U. N° 12, EM 17-01-91
Licenciatura em Matemática – Reconhecido Portaria SE/PE N° 2829 – DE 11/05/2001 - PUB. NO D.O.U. 11/05/2001
Licenciatura em Ciências Biológicas – Reconhecido Portaria SEPE N° 410 DE 19/01/2012, PUB. NO DOE DE 20/01/2012

AUTORIZAÇÃO

Autorizamos Alessandra Falcão Teixeira, CPF nº 832.799.894-34, aluna regular do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Nível de Doutorado, com ingresso em 2018.1, sob a orientação da Profa. Dra. Cecília de Fátima C. B. R. de Almeida, a qual vem desenvolvendo estudo a cerca da apropriação de estudadantes indígenas ao processo educacional universitário, sendo assim, permitimos que a doutoranda possa realizar pesquisa documental, questionário e entrevista com consentimento prévio dos sujeitos envolvidos no estudo, no âmbito deste CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO SÃO FRANCISCO, para levantamento e obtenção de dados a fim de que possa concluir a sua pesquisa.

Belém de São Francisco, 28 de dezembro de 2021.

ANA GLEIDE DE Assinado de forma digital
SOUZA LEAL por ANA GLEIDE DE
SA:61609137434 SOUZA LEAL
SA:61609137434 Dados: 2021.12.28
12:30:43 -03'00'